

**FERNANDA MORAES D'OLIVO**

**O SOCIAL NO CORDEL:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Suzy Maria Lagazzi.

**Campinas  
2010**

**D689s**

D'Oliveira, Fernanda Moraes.

O social no cordel : uma análise discursiva / Fernanda Moraes  
D'Oliveira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientadora : Suzy Maria Lagazzi.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Literatura de cordel. 3. Poesia popular  
brasileira. 4. Vozes sociais. I. Lagazzi, Suzy Maria. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

cqc/iel

Título em inglês: The social in the cordel: a discursive analysis.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Discourse analysis; Cordel literature; Brazilian  
folk poetry; Social voices.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Suzy Maria Lagazzi (orientadora), Prof. Dr. Sérgio  
Possenti e Profa. Dra. Olímpia Maluf Souza.

Data da defesa: 02/12/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Suzy Maria Lagazzi

Suzy Maria Lagazzi

Sirio Possenti

Sirio Possenti

Olimpia Maluf Souza

Olimpia Maluf Souza

Claudia Regina Castellanos Pfeiffer

\_\_\_\_\_

Eliana de Almeida

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2010

*Para minha mãe e meu pai,  
Para o Rafa.*

## **AGRADECIMENTOS**

*À Profa. Dra. Suzy, orientadora brilhante, amiga querida, por me mostrar a delicadeza da análise, pela dedicação e pelos conselhos fundamentais, não somente para este trabalho como também para a vida.*

*Ao Prof. Dr. Sírío Possenti, pelos apontamentos, que desde a iniciação científica, enriquecem meu trabalho analítico.*

*À Profa. Dra. Cláudia Pfeffer, pela sutileza na leitura, pelas considerações que me permitiram sair da naturalização sobre os cordéis. Pelo sorriso.*

*À Profa. Dra. Eliana de Almeida, pelos textos sobre a poesia na língua, pela prontidão e atenção, pela ajuda.*

*À Profa. Dra. Olímpia Maluf de Souza, que tão prontamente aceitou o convite para a banca, pela leitura atenciosa, pelas considerações primorosas.*

*Ao Sr. Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, por esclarecer minhas dúvidas sobre a Literatura de Cordel e pelos inúmeros folhetos.*

*À minha mãe, pelos conselhos dados nos momentos de desespero, pelas horas de conversa no telefone, pelo sempre apoio.*

*Ao meu pai, pelo apoio moral e, às vezes, financeiro. Pelas risadas, pelas sessões de “cinema em casa”.*

*Ao Rafa, pelo carinho, pelo amor, pela compreensão, pelos conselhos que me acompanharam durante esse percurso. Por se fazer presente na distância.*

*À Marta, por ser minha amiga desde os cinco anos e por sempre me ouvir sobre tudo. Por me adotar como irmã.*

*Aos meus amigos, Alexandre, João Ricardo, Gigi, Ana Laura, Lari Higa, Lari Mazuqueli, Mari Guarujá, Jóice, Nick, Denise e Cynthia por fazerem parte da minha vida, por se significarem em todos os meus percursos.*

*A todos do CCazinho, cuidadores e crianças, por me mostrarem a beleza do trabalho em grupo, pela luta diária contra os rótulos.*

*À Bia e a sua mãe também, por sempre me trazerem recortes de jornais e livros sobre Literatura de Cordel.*

*À Cláudia, Gisele, Paloma, Júlia, Mahayana, Mari Cestari, Alan e pessoal da UFSCar, pela companhia nos congressos.*

*Às meninas de casa que moram no meu coração, Bruna, Maira e Meire, pelas conversas, por dividir a comida, por fazerem da nossa casa um lar.*

*Aos meus amigos de São João da Boa Vista, João Paulo, Mari Silva, Mari Tomé, Paulinha, Melina, Thalita, Neto, pelos momentos de descontração.*

*Aos meus avós Antônia, Cida, Mário e Maurício (in memória), a minha tia Márcia, ao tio Emílio, aos meus primos irmãos, Juninho e Tamires, à Luciana, por estarem sempre presentes, pelas conversas, pelos momentos em família.*

*Aos meus priminhos que já estão grandes, Leonardo e Giovani, e aos meus priminhos que ainda estão pequenos, João Vitor e Maria Eloísa, por me fazerem sempre retornar à infância.*

*Aos funcionários do CEDADE/UNICAMP, da secretária de pós-graduação, da biblioteca e a todos os setores do IEL, por me atenderem sempre com muita atenção.*

*À FAPESP, pelo apoio financeiro desta pesquisa.*

*A todos que fizeram parte deste percurso, o meu profundo agradecimento..*

## RESUMO

Como o social significa e é formulado na materialidade poética do cordel? Como se dá o funcionamento discursivo do porta-voz nos folhetos nordestinos? Essas foram as duas perguntas que orientaram esta pesquisa de mestrado.

Para responder esses questionamentos, selecionamos folhetos que exploram temas como a violência urbana, o uso de drogas, a migração nordestina, a política, o preconceito, o divórcio, o uso de métodos anticoncepcionais e a reforma agrária, entre outros que tratam de questões sociais. Durante a constituição do *corpus*, pudemos compreender uma forte relação entre o que circula no cordel com o que é veiculado pela mídia.

Em nosso percurso analítico, discutimos a reiteração, pelo cordel, de uma voz social que é atravessada, sim, pela voz da mídia, mas também pelas vozes do Estado, da Igreja e da Família. Essa voz social circula pela materialidade poética que constitui o cordel produzindo gestos de interpretação marcados pela poesia da língua.

Nossas análises nos mostraram que essa voz é a que legitima certos valores sociais e as relações estabilizadas que são repetidas nos folhetos. Essa voz é a da sociedade dominante, mas se configura, ao ser retomada pelo cordel, como a voz do povo, naturalizando a unidade, como se o povo fosse homogêneo. Equivocidade constitutiva, como nos ensinou Pêcheux! Este efeito de unidade, por sua vez, é o que produz o efeito de que o cordelista é porta-voz do povo. Um efeito discursivo.

**Palavras- chave:** Análise de Discurso, Poesia de Cordel, Social, Porta-voz, Vozes Sociais.

## ABSTRACT

How do social aspects signify and how are they constructed in the poetic materiality of cordel literature? How does the image of the speaker work in the Northeastern booklets? These were the two questions that guided this Master's degree research.

To answer these questions, we selected booklets covering subjects such as urban violence, drug use, Northeastern migration, politics, prejudice, divorce, the use of birth control methods and land reform, among other social issues. During the creation of the *corpus*, we could notice a strong relationship between the subjects dealt with in cordel and what is shown in the media.

In the analysis, we discuss the repetition in cordel of a social voice that is crossed by the voice of the media, but also by those of the State, the Church and the Family. This social voice circulates through the poetic materiality that makes up cordel, producing gestures of interpretation marked by the poetry of the language.

The analysis shows that this voice is what allows certain social values and the established relationships repeated in the booklets. This is the voice of the ruling society, but, when it is taken over by cordel, it represents the voice of the people, making unity natural, as if the people were homogeneous. Constituting equivocality, as Pêcheux has taught us! This unity effect, in turn, produces the effect that the cordel author is a speaker for the people. A discourse effect.

**Keywords:** Discourse analysis, Cordel Poetry, Social, Speaker, Social Voices.



## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Idas e vindas, voltas e retornos: o início do trabalho .....</b>  | <b>1</b>  |
| <br><b>I. Os versos que ecoam no nordeste: breve panorama da Literatura de Cordel .....</b>                  | <b>4</b>  |
| 1.1. Sobre a Literatura de Cordel .....  | 4         |
| 1.2. Panorama sobre as condições de produção dos cordéis de antigamente .....                                | 6         |
| 1.3. O cordel da década de 70 até os dias atuais .....   | 8         |
| 1.4. Ritmo, estereotipia e aspecto lúdico: constituintes do folhetos .....                                   | 10        |
| <br><b>II. Quadro teórico metodológico .....</b>   | <b>13</b> |
| 2.1 Constituição, formulação e circulação dos sentidos .....   | 13        |
| 2.2 A noção de autoria e a figura discursiva do porta-voz .....  | 15        |
| 2.3. Poesia na língua: reflexões teóricas .....  | 17        |
| 2.4. Metodologia de pesquisa .....   | 21        |
| 2.5. O confronto com a materialidade dos cordéis: percurso de constituição do <i>corpus</i> discursivo ..... | 23        |
| <br><b>III. O social, a poesia e o porta-voz .....</b>   | <b>28</b> |
| 3.1. Como o social se significa na Literatura de Cordel?.....  | 28        |
| 3.2. A temática política nos cordéis: o social, a política e o político .....                                | 51        |
| 3.3 A figura discursiva do porta-voz na Literatura de Cordel .....   | 73        |
| <br><b>IV. Conclusão .....</b>   | <b>78</b> |
| <br><b>Referências bibliográficas .....</b>  | <b>81</b> |

## IDAS E VINDAS, VOLTAS E RETORNOS: O INÍCIO DO TRABALHO

Nossa pesquisa referente aos discursos que circulam nos cordéis teve início em 2006, com a elaboração do projeto de iniciação científica intitulado *Produção e circulação de sentidos do imaginário feminino nos cordéis*<sup>1</sup>. O primeiro ponto que nos chamou a atenção foi o modo como as mulheres eram retratadas. Esse foi o recorte inicial que nos permitiu questionar o modo como o imaginário feminino é produzido nos cordéis e buscar compreender sua circulação.

Essa indagação a respeito da imagem da mulher nos folhetos nos levou ao funcionamento do estereótipo, do ritmo e do aspecto lúdico, os quais consideramos como constituintes da discursividade dos cordéis. Por meio das análises, entendemos o papel fundamental dos pré-construídos sociais na sustentação dos estereótipos femininos e também o funcionamento do ritmo, configurado pela rima e pela métrica, que, juntamente com os estereótipos sociais, produz um efeito lúdico nos dizeres dos folhetos, o que resulta em uma maior aceitabilidade e naturalização desses dizeres pelos leitores/ouvintes.

A pesquisa de iniciação científica nos incitou a continuar o trabalho com os folhetos. Buscamos, assim, ir além das figuras femininas para compreendermos o funcionamento do discurso dos cordéis de maneira mais ampla e, para isso, voltamos o nosso olhar para aqueles que retratavam questões histórico-sociais como a morte de Getúlio Vargas, a época do regime militar, entre outras.

Formulamos, desse modo, uma questão inicial para orientar a análise acerca do funcionamento discursivo do cordel:

- Como a representação de questões relevantes em diferentes momentos histórico-sociais brasileiros é formulada e (se) significa nos folhetos nordestinos?

O primeiro passo da pesquisa foi a procura por folhetos que apresentavam, como temática, assuntos histórico-sociais brasileiros considerados relevantes e que foram produzidos a partir da década de 40 até os dias de hoje. A relevância a que nos referimos diz respeito aos assuntos que tiveram grande repercussão na mídia e que fazem parte da memória discursiva brasileira. Já no primeiro contato com o material de pesquisa, vimos que seria

---

<sup>1</sup> Pesquisa de iniciação científica desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem /Unicamp, no período de ago/2006 a jul/2007, sob a orientação da Profa. Dra. Suzy M. Lagazzi, financiado pelo PIBIC/CNPq.

complicado nos basearmos em datas de publicação dos cordéis porque a maioria não apresenta essa informação bibliográfica. Também não foi produtivo recortar o material tendo como referência os momentos históricos retratados. Durante as leituras para a constituição do *corpus*, observamos que os cordéis que íamos selecionando apresentavam fatos pontuais, como o impeachment de Collor, por exemplo, sempre explorados no entremeio de temáticas amplas e recorrentes como a política, a violência, a migração nordestina, as drogas, entre outras. Assim, ampliamos nossa pergunta inicial para a seguinte:

- Como o social é significado na materialidade discursiva do cordel?

Além de questionar o funcionamento dos discursos sociais que circulam nos folhetos, durante o trabalho de iniciação científica, começamos a indagar a respeito do cordelista se configurando como porta-voz. Esse questionamento tem como base a naturalização dessa denominação por Mayer (1980) que afirma que o poeta é o porta-voz do povo. Essa afirmação é interessante e mereceu reflexão.

Considerando que a perspectiva discursiva materialista define o porta-voz como aquele que fala em nome de alguém e parlamenta com o adversário, reivindicando os interesses de quem ele representa (Pêcheux 1990), foi importante suspender a afirmação “do poeta como porta-voz do povo” para deixar que nossas análises mostrassem em nome de quem o cordel fala e que interesses ele representa.

Outro ponto importante nesta dissertação diz respeito à relação do cordel com a poesia da língua. Gadet & Pêcheux, a partir da reflexão de Saussure sobre os anagramas, afirmam que a poesia é constitutiva da língua (2004):

Diante das teorias que isolam o poético do conjunto da linguagem, como lugar de efeitos especiais, o trabalho de Saussure (tal como ele é, por exemplo, comentado por Starobinski) faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da língua própria. O poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites; ele é, segundo a palavra de Baudrillard, suprimindo a acidez, um “acelerador de partículas da linguagem”. Poder-se-ia assim dizer, no espírito do comentário de Lacan sobre a fórmula “não há pequenas economias”: “não há linguagem poética”. (GADET & PÊCHEUX, 2004, p. 58).

Considerando o sujeito-poeta-cordelista como o que leva a língua aos últimos limites na discursividade do cordel, analisamos o funcionamento do poético na configuração das questões sociais.

Dessa maneira, a Literatura de Cordel, enfocada na perspectiva da Análise de Discurso materialista, permitiu-nos compreender a relação entre língua, sujeito, poesia e social. Refletimos sobre os discursos que circulam nos folhetos, como estes se constituem e se significam no meio social. Isso foi muito importante para a compreensão do imaginário que se configura nos discursos dos cordéis, permitindo-nos estabelecer uma relação do que é dito na/pela Literatura de Cordel com o que é dito na/pela sociedade em que o livreto circula.

O trabalho com o funcionamento discursivo dos folhetos nordestinos é relevante, portanto, para os estudos da Análise de Discurso, porque nos dá a possibilidade de discutir sobre a poesia que há na língua, sobre o imaginário social significado e significando em um discurso poético.

Nesta dissertação apresentamos, no primeiro capítulo, um breve panorama sobre a história, as características da Literatura de Cordel, além de atentarmos para a caracterização do cordelista, do público e do lugar de circulação dos folhetos ao longo das décadas de 40 (data inicial da produção dos folhetos selecionados para a constituição do *corpus*) até os dias atuais. Além disso, nesse primeiro capítulo, também discutimos sobre a estrutura do folheto, sobre o ritmo, a estereotipia e o aspecto lúdico, elementos que se encontram na discursividade do cordel e são importantes para a nossa pesquisa sobre a poesia. Essa caracterização dos folhetos é fundamental para compreensão das suas condições de produção.

No segundo capítulo, enfocamos o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso materialista, teoria na qual nos baseamos para a constituição da metodologia para a formulação do *corpus* e para as análises. Neste capítulo também apresentamos os folhetos selecionados para análise e uma sinopse de cada um.

O terceiro capítulo, dedicado às análises, é o lugar em que vamos explorar, destrinchar os discursos dos folhetos para compreendermos como se significa o social na materialidade do cordel e qual a relação entre o cordel e o porta-voz.

## CAPÍTULO I

### OS VERSOS QUE ECOAM NO NORDESTE: BREVE PANORAMA DA LITERATURA DE CORDEL

#### 1.1 Sobre a Literatura de Cordel

Inúmeros estudos sobre Literatura de Cordel afirmam que esta teve início no período entre o final do século XIX até 1920, época em que houve uma definição das características formais dos folhetos, chegando a uma *forma canônica* (ABREU, 1999).

Em relação à origem dos folhetos nordestinos, há uma controvérsia entre os pesquisadores. Luyten (1983) e Curran (1991), por exemplo, consideram que a Literatura de Cordel tem sua origem ligada aos livretos oriundos da tradição oral européia. Conhecidos como *folhas volantes* ou *folhas soltas* em Portugal, *littérature de colportage* na França e *pliegos sueltos* na Espanha, esses folhetos circulavam e eram vendidos em feiras, ruas e praças por volta do século XVII. Os autores citados acima, assim como outros, acreditam que esses livretos chegaram ao nordeste brasileiro por meio dos europeus que aqui se instalaram. Em contrapartida, Abreu (1999) afirma que a Literatura de Cordel surgiu da própria tradição oral que existia no nordeste brasileiro e se diferenciava dos folhetos europeus por possuir características próprias, como a versificação das narrações, a estrutura formal e a padronização da editoração, características que não se encontravam nos livretos vindos de algumas partes da Europa<sup>2</sup>, apesar dos cordéis brasileiros também circularem em feiras, ruas e praças, assim como os europeus.

O cordel, então, se sustenta na tradição oral e por meio da sua forma escrita busca preservar tal tradição. Houaiss (1979), no prefácio para o livro *Cordel, do encantamento às histórias de luta*, diz que:

Nessa síntese – menos descritiva que indagativa – há que ressaltar o convívio perdurante da literatura oral com a literatura de cordel, a partir do advento desta. Esta se baseia na primeira, mas nem por isso a primeira, oral, deixa de subsistir, já que o cordel desde sempre aspira ser ‘ouvido’, constituindo a forma impressa um meio de expansão da oralidade (p.15).

---

<sup>2</sup> Não é interesse da Análise de Discurso centrar na discussão teórica sobre a origem da Literatura de Cordel.

A recitação, desse modo, é um fator fundamental no cordel. A estrutura com rimas e métricas bem marcadas configura uma rítmica que é importante no momento da declamação dos folhetos pelos poetas. Essa estrutura fixa marca a relação com o oral no cordel. Os folhetos, geralmente, são organizados em versos de sete sílabas métricas com estrofes de seis ou sete versos, com um esquema de rima estabilizado, conforme o exemplo abaixo:

*O sujeito preguiçoso (A)*  
*Depois que aprende a roubar (B)*  
*Não tem jeito que dê jeito (C)*  
*Nunca mais quer trabalhar (B)*  
*E se o cabra for estudado (D)*  
*Ninguém pode segurar. (B)*

*O Brasil já conheceu (A)*  
*Um tal de P.C. Farias (B)*  
*Que desde cedo, na escola (C)*  
*Promete que enricaria (B)*  
*Que, quando fosse um doutor (D)*  
*Muitos milhões roubaria. (B)*

(Trecho extraído do cordel *O dia em que P.C. Farias infernizou o inferno*)

A estrutura padrão colabora para a memorização dos folhetos:

Saber, por exemplo, que o segundo, quarto e sexto versos terminarão com um mesmo som permite prever minimamente o que será dito e auxilia a recordação de uma história já conhecida. A regularidade fornece marcas, ‘pistas’, sobre o caminho que a composição seguirá, não só com quem a apresenta, mas também para quem a ouve. (ABREU, 1999, p. 88).

A partir de Abreu, podemos afirmar que os indivíduos que se reúnem em volta do recitador para ouvir os poemas são contagiados pelo movimento de repetição de estrutura(s) padrão(ões) dos folhetos e, nesse sentido, queremos ressaltar o ritmo. Se o cordel fugir da estrutura já esperada, haverá dificuldade em guardá-lo na memória. Assim, é possível dizer que há um espaço já estabelecido para o trabalho dos cordelistas com o significante. A ruptura desse espaço, se, por um lado, poderia permitir uma maior liberdade de formulação ao autor, por outro, pode acarretar o menor interesse do público, se vier a comprometer o processo de recitação. Tal processo remete à memória de uma voz oral que permeia os versos do cordel, mostrando que há uma diferença entre ler o cordel e ouvi-lo<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Ver os trabalhos de Pedro de Souza (2009).

No que concerne à temática, segundo pesquisadores, esta era e ainda é ampla e variada, geralmente dirigida a um público adulto. Os poetas falavam e ainda falam em seus versos sobre política, religião, histórias fantásticas, contos, lendas, biografias de personalidades. Podemos observar, assim, que a temática do cordel é heterogênea e não segue nenhum padrão, diferentemente da sua estrutura que é fixa.

Apresentamos até aqui características que os folhetos ainda preservam atualmente, porém, ao longo dos mais de 100 anos de existência da Literatura de Cordel, houve mudanças no que diz respeito aos autores, ao público e ao lugar de circulação. Essas mudanças serão divididas, neste capítulo, em dois períodos: folhetos produzidos a partir da década de 40 até a década de 70 e folhetos produzidos a partir da década de 70, época em que houve uma relativa transformação do público, segundo Curran (1991).

## **1.2 Panorama sobre as condições de produção dos cordéis de antigamente<sup>4</sup>**

A bibliografia a respeito dos trabalhos sobre cordéis consultada para este trabalho, permitiram constatar que os primeiros cordelistas eram homens<sup>5</sup> que viviam no interior do nordeste e trabalhavam como lavradores, carpinteiros, marceneiros, operários de pequenas fábricas, como tecelagens, por exemplo, sendo estes trabalhos não prestigiados socialmente. As consultas bibliográficas também mostraram que alguns poetas conseguiram sobreviver apenas com a arte de versejar, tornando-se profissionais, como Leandro Gomes de Barros, mas isso era raro, pois a maioria trabalhava para ganhar o sustento e escrevia os seus versos nas horas vagas.

Pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa dividem os autores de cordel de antigamente em duas gerações. A primeira, que compreende o período de 1900 a 1930, é constituída pelos poetas que foram responsáveis pelo estabelecimento do público, das normas de produção e distribuição e da padronização das regras quanto à forma dos poemas. A consulta à biografia de alguns cordelistas nos permitiu observar que esses autores frequentaram apenas as séries iniciais da escola, como é o caso de José Camelo de Melo Resende, ou aprenderam a ler e a escrever fora dos bancos escolares, sendo este o caso da

---

<sup>4</sup> Consideramos aqui as condições de produção dos cordéis desde o seu início no nordeste brasileiro até a década de 70, época que, segundo Curran (1991), houve uma mudança em relação ao público.

<sup>5</sup> Segundo Queiroz (2006), a maioria dos autores de cordel são homens, porém, há notícias de que a primeira mulher cordelista publicou em 1939, sob o pseudônimo de um nome masculino. A partir de 1970 é que as mulheres começaram a assumir a autoria nos cordéis. Hoje em dia, estima-se que há 170 títulos escritos por mulheres cordelista. No *corpus* desta pesquisa de mestrado, há apenas folhetos cujos autores são homens.

maioria dos poetas de cordel desse período. Exemplos dessa primeira geração são Leandro Gomes de Barros, Antônio Ferreira da Cruz, José Camelo de Melo Resende, entre outros.

Os poetas considerados da segunda geração foram os que surgiram depois da década de 30, e são estes os que interessam à nossa pesquisa. Também por meio da consulta à biografia dos poetas, pudemos ver que eles já cresceram ouvindo as recitações dos poemas e os reescreveram ou criaram outros títulos e histórias. Além disso, observamos também que esses autores não tiveram uma educação formal e trabalhavam em profissões não valorizadas socialmente, assim como os poetas da *primeira geração*. Foi nessa *segunda geração* que surgiram as editoras de cordéis, tendo como seu pioneiro João Martins de Atayde, que realizou grandes mudanças na relação entre os poetas e o proprietário da gráfica, ao comprar os direitos autorais dos cordelistas.

Seguindo as considerações dos pesquisadores de cordel em relação ao público tradicional do folheto nordestino, compreendemos que este era constituído por pessoas que habitavam o meio rural, não tinham nenhuma ou quase nenhuma educação formal e, assim como os cordelistas, não exerciam, geralmente, profissões de prestígio. Segundo Curran (1991), tais semelhanças entre o público e os poetas populares permitiam que os textos tivessem o mesmo ponto de vista dos seus interlocutores.

As feiras, festas e mercados das cidades interioranas nordestinas eram os lugares onde o público tomava conhecimento dessa literatura, pelo fato de serem pontos de vendas dos cordéis, onde os poetas recitavam as suas poesias, possibilitando que o público que era analfabeto tivesse acesso aos dizeres dos folhetos (MAXADO, 1980; CURRAN, 1991). Desse modo, o cordel era um instrumento de socialização entre as pessoas no momento em que estas se reuniam para ouvi-lo. Além disso, algumas temáticas apresentavam informações sobre o espaço onde o cordelista vivia e sobre o que acontecia no Brasil e, devido a isso, alguns pesquisadores como Kunz (2001) afirmam que os folhetos, além desse papel de socialização, também tinham a função de levar a notícia para o povo, considerando que antes da década de 70, no interior do nordeste brasileiro, os meios de comunicação como jornais – impresso ou televisivo – e revistas não eram populares. Dessa forma, o papel informativo do cordel era de extrema relevância para a população.



### 1.3 O cordel da década de 70 até os dias atuais

Várias mudanças ocorreram, principalmente a partir da década de 70, como a migração nordestina para o sudeste, a fácil acessibilidade aos meios de informação, como a televisão e o surgimento da Internet que, apesar de não ser acessível a todos os brasileiros, é mais um meio que contribui para a veiculação de informação. Esses instrumentos facilitam a circulação de dizeres da mídia entre a população de todas as classes sociais, inclusive os menos favorecidos, permitindo, assim, o conhecimento sobre o que se passa no Brasil e no resto do mundo a respeito de política, de leis e de acontecimentos sociais, por exemplo.

Conforme vimos nos diversos trabalhos sobre a Literatura de Cordel, os cordelistas se diferenciam dos poetas da tradição no que diz respeito à escolarização e à maior possibilidade de se informar. Além disso, houve também a introdução de um novo público e o meio de circulação da Literatura de Cordel sofreu uma relativa mudança.

Em relação aos autores de folhetos, que trataremos aqui como a nova geração, sabemos, por meio de pesquisas biográficas, que alguns deles possuem uma educação formal, como Franklin Maxado, que se formou em direito e jornalismo. Muitos moram nos grandes centros urbanos, diferentemente dos cordelistas da tradição, que habitavam o meio rural. Consideramos que há aí uma diferença regional significativa na formulação dos dizeres dos cordéis produzidos a partir da década de 70, pois a maioria deles começou a ser produzida no meio urbano. Curran (1991) diz que “*encontrava-se já nos anos 70 e 80 um poeta de cordel mais facilmente na zona norte do Rio de Janeiro ou na Praça da República em São Paulo do que no sertão do nordeste*” (p. 575)<sup>6</sup>, o que permitia uma circulação mais ampla do folheto, agora não mais restrita ao nordeste.

Curran (1991) afirma ainda que os autores de cordel dessa nova geração, assim como os poetas da tradição, também trabalham como pedreiros, marceneiros para sobreviver e escrevem e vendem os folhetos apenas nas horas vagas. Porém, tendo como base entrevistas e leituras de blogs de cordelistas, sabemos que há alguns poetas que trabalham na divulgação do cordel, como Franklin Maxado, pesquisador e cordelista; Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e Manuel Monteiro, Arievaldo Viana e Klevisson Viana, que levam os folhetos para as escolas.

Podemos dizer, também, por meio de entrevistas e depoimentos dos cordelistas, que eles têm acesso à TV, a jornais e a revistas, o que lhes permite conhecer o que circula na

---

<sup>6</sup> Diversos poetas foram para os grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro devido ao fenômeno da migração, para fugirem das más condições de vida do sertão nordestino.

mídia, sendo que este conhecimento, muitas vezes, é transformado em temas de cordel, como os folhetos *Meninos de rua e a chacina da Candelária*; *A natureza e o homem*, por exemplo.

Como já dissemos no início desse item, o público da Literatura de Cordel também mudou. Os sertanejos nordestinos, interlocutores tradicionais, ainda apreciam os folhetos, mas houve, a partir da década de 70, a inserção de um novo público constituído por “*intelectuais, artistas de vários meios de expressão, estudantes de classe média, e turistas com uma curiosidade pelo folclore brasileiro*” (CURRAN, 1991, p.572). O poeta, segundo este mesmo autor, escreve sobre temas que interessam aos seus ouvintes/leitores, para a comercialização dos cordéis. Nesse sentido, ele agora também verseja sobre temas que chamam a atenção de turistas, intelectuais e de pessoas mais abastadas economicamente<sup>7</sup>.

Em relação à circulação dos folhetos, pudemos observar em nossas pesquisas que, hoje em dia, os livretos se encontram em feiras e mercados de grandes centros urbanos, como as capitais nordestinas e lugares como a Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro ou a Praça da República em São Paulo, porém a recitação dos versos pelos poetas não tem mais lugar nessas feiras, tendo o cordelista como *marketing* do seu trabalho apenas o título e a capa que precisam chamar a atenção do público. Observamos também que outro meio em que há uma grande circulação de cordéis é a Internet. Arquivos, como o da Fundação Casa de Rui Barbosa, já possuem alguns folhetos digitalizados, e também há *sites* onde é possível comprá-los, como o da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Além desses meios de circulação, queremos também considerar que os folhetos nordestinos aparecem como fonte de inspiração para autores como Ariano Suassuna e Jorge Amado, por exemplo. Na TV brasileira, podemos ver a influência do cordel na mini-série *O auto da compadecida*, que posteriormente se tornou filme, baseada na obra de Ariano Suassuna, que, por sua vez, se inspirou em leituras de cordéis. Sabemos isso devido à presença do personagem João Grilo, personagem dos folhetos *As palhaçadas de João Grilo*, escrito por João Ferreira de Lima, que depois foi ampliado por João Martins de Athaíde com o título de *As presepadas de João Grilo*. Outro lugar onde o cordel também está presente atualmente é a escola. Isso é muito interessante, pois se trata de uma instituição em que discursos de cultura, folclore, que se apresentam como preservação de cultura, circulam.

---

<sup>7</sup> A escrita que visa ao interesse do público não é um fenômeno que aparece apenas nos cordéis. Vemos também em revistas como a *Super Interessante*, *Pequenas Empresas & Grandes Negócios*, jornais como a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, uma escrita que busca atender ao interesse do seu público alvo.

#### 1.4 Ritmo, estereótipo e aspecto lúdico: constituintes do cordel<sup>8</sup>

Neste item apresentamos considerações sobre o ritmo, a ludicidade e a estereotipia, pois o funcionamento deles será de grande importância para o trabalho analítico das questões propostas nesta pesquisa.

Esses elementos já foram estudados durante o projeto de iniciação científica *Produção e circulação de sentidos do imaginário feminino nos cordéis*, já citado anteriormente, que nos possibilitou compreender o quão importante são esses três constituintes para a produção e circulação dos sentidos presentes nos discursos dos folhetos nordestinos.

Em relação à estereotipia, inúmeros personagens dos folhetos eram e ainda são estereotipados, trazendo, para o cordel, o imaginário, já cristalizado, que uma sociedade tem de vários elementos sociais, como a figura da mulher, do político, da religião, entre outros.

Para falar sobre o estereótipo, tomamos como base os estudos de Amossy e Herschberg Pierrot (1997), que afirmam que ele é “*fonte de erros e de preconceitos, ele aparece também como um fator de coesão social, um elemento construído na relação consigo mesmo e com o Outro*” (p. 43)<sup>9</sup>. Essas mesmas autoras, ao relacionar a Análise de Discurso com os estereótipos, consideram que a estereotipia – ideia pré-estabelecida e pré-afirmada pelo sujeito e/ou grupo social sobre determinadas temáticas – pode ser relacionada com o ‘pré-construído’, porque este concebe o sujeito interpelado na linguagem, na qual o pré-afirmado comanda o que ainda está para se afirmar, o que produz um efeito de verdade imediata. Trazendo essa concepção para o quadro teórico discursivo, diremos que o estereótipo é uma “representação” do imaginário social, sendo que a representação, para a AD, não se constitui numa relação direta entre palavras e coisas, linguagem e mundo, e, justamente por isso, sempre falamos que a representação é imaginária.

A pesquisa dessas autoras mostra que o termo estereótipo está presente nas relações sociais e é fundamental para estas. Assim, compreendemos que a estereotipia, nos folhetos que constituíam o *corpus* da pesquisa de iniciação científica, apresenta as relações sociais entrecruzadas por um jogo de brincadeira, no qual estereótipos são vistos de uma maneira lúdica, produzindo humor. Como exemplo, temos o estereótipo da mulher linguaruda,

---

<sup>8</sup> Esta discussão teve como resultado o artigo científico *No entremeio do discurso do cordel: o ritmo e a estereotipia* a ser publicado na Revista Língua e Literatura, USP, em co-autoria com a Profa. Dra. Suzy Lagazzi.

<sup>9</sup> Tradução própria. Trecho original: “Source d’erreurs et de préjugés, il apparaît aussi comme un facteur de cohésion sociale, un élément constructif dans la rapport à soi et à l’Autre.”(p. 43)

presente no cordel *A língua da mulher faladeira*, e o da *coroa*, personagem do folheto *Nascimento, vida e morte de uma coroa*.<sup>10</sup>

Esses dois estereótipos, que apresentamos como exemplo, mostram imagens que são opostas às imagens de mulheres bem vistas pela sociedade, como a mulher discreta e a mulher casada, que se contrapõem com o estereótipo da faladeira e da solteirona, respectivamente. Dessa forma, podemos ver que os estereótipos mencionados aqui significam pela negação das imagens das mulheres que se opõem aos padrões sociais estabelecidos de uma determinada época, imagens estas pautadas por pré-construídos morais, que, por sua vez, são reafirmados pela presença da estereotipia.

A respeito do ritmo, fizemos um recorte para compreendê-lo dentro de uma perspectiva discursiva, considerando-o, com base nos dizeres de Meschonnic (1982), como sendo organizador do discurso e produtor de sentidos. Essa afirmação a respeito da relação entre ritmo e sentido é muito interessante e mereceu nova atenção ao longo desta dissertação. Nos folhetos, o ritmo se dá pela presença da rima e da métrica e funciona no discurso do cordel produzindo, através das repetições ritmadas, uma brincadeira em forma de jogo de linguagem, o que imprime, juntamente com a estereotipia, um efeito de ludicidade à moral presente nos dizeres dos cordéis, permitindo que estes circulem de uma maneira mais naturalizada, com menos resistência por parte dos interlocutores. Como afirmamos, em nossa iniciação científica o aspecto lúdico é produto do jogo que há entre a estereotipia e o ritmo e, esses três elementos funcionam no sentido de fazer com que os preceitos morais sejam reafirmados para o público numa forma artística e não como algo imposto, conforme acontece nos sermões das igrejas, por exemplo.

Para mostrar esse jogo lúdico produzido nos folhetos, apresentamos aqui o cordel *A língua da mulher faladeira*, de Rodolfo Cavalcanti, que fez parte do *corpus* de pesquisa da iniciação científica. Observamos o estereótipo da mulher faladeira que existe na contraposição com o estereótipo da mulher discreta. O movimento rítmico é dado pela métrica (redondilha maior) e pelas rimas, que estão em destaque.

Existe mulher no **mundo**  
Que tem a língua comprida  
Igual a légua de beijo  
Porque leva a sua **vida**  
A falar de Deus e o **mundo**,  
Mas a mulher de Raimundo  
Essa passa da medida

Uma mulher faladeira  
É uma viagem sem ter **porto**,  
É trabalho sem descanso,  
É viúva sem conforto  
Trabalhador sem **salário**,  
Peixe fora do **Aquário**  
É urubu sem ter **morto**!...

---

<sup>10</sup> Os dois folhetos citados fizeram parte do *corpus* utilizado no trabalho de Iniciação Científica *Produção e circulação de sentidos do imaginário feminino nos cordéis*.

Raimundo Praxedes Braga  
Morador de Amaral**ina**  
Tem a mulher que parece  
O raio da silibr**ina**,  
Fala do fogão, fala da br**asa**,  
Das telhas de sua **casa**,  
Do banheiro, da sent**ina**.

Que a filha é preguiç**osa**,  
Que os vizinhos são ru**ins**,  
Que a mãe dela é seb**osa**,  
Que a rua dela não **presta**,  
Que a sogra é desonest**a**,  
A madrinha é vaid**osa**.

Julia fala de Totonha,  
De Chica, de Dam**iana**,  
De Quitéria, de Sofia,  
De Zefinha e de Caet**ana**,  
Fala do pai de Mar**oca**,  
Fala da mãe de Fin**oca**,  
Do filho de Mari**ana**.

Mulher da língua comprida  
É açúcar no feij**ão**,  
É beber café com sal,  
É raiva no coraç**ão**...  
É condutor sem troc**ado**,  
Bodegueiro no fi**ado**  
É carro na contra-m**ão**!

Não há praga mais ru**im**  
Do que mulher falade**ira**,  
No lugar que ela reside  
Falta água na torne**ira**,  
Nem a galinha produ**z**,  
Há desarranjo na l**uz**  
E a casa só tem gote**ira**!...

A mulher que é faladeira  
É professor sem al**uno**,  
Réu sem ter Advog**ado**,  
É tribunal sem trib**uno**...  
Viúva sem proteç**ão**,  
É playboy sem medalh**ão**  
Pedra Pedra pra gat**uno**!

No recorte apresentado acima, é possível compreender que o estereótipo da mulher faladeira se constitui pelo “cúmulo do ruim”, possível de ser observado nos seguintes enunciados: *Mulher da língua comprida/É açúcar no feijão,/É beber café com sal,/É raiva no coração.../É condutor sem trocado,/Bodegueiro no fiado/É carro na contra-mão!* A repetição do cúmulo do ruim, do exagero, causa um efeito de deboche. Esse efeito, junto com a estereotipia e a estrutura poética, na qual há uma regularidade de rimas que mantém um ritmo constante, produz um efeito lúdico, ao dar um tom de graça e brincadeira aos dizeres do cordel, o que naturaliza o efeito do deboche, permitindo uma maior aceitabilidade por parte dos interlocutores.

## CAPÍTULO II

### QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO

#### 2.1 Constituição, formulação e circulação de sentidos

Esta pesquisa é sustentada pelo dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de perspectiva materialista, fundada por Pêcheux no final da década de 60, que propôs um modo de analisar a linguagem, que rejeita as evidências dos sentidos e os lugares já estabilizados. Para isso, apresenta o trabalho com a materialidade da língua, no entremeio da trilogia de conhecimento composta por linguística/ materialismo histórico/ psicanálise, levando em conta a contradição e o confronto entre teoria e sua prática analítica. A AD busca compreender os efeitos de sentido que estão presentes nos discursos e explicitar o funcionamento discursivo por meio de uma análise não subjetiva.

O objeto de estudo da Análise de Discurso é o discurso, definido por Pêcheux (1975) como “*efeito de sentidos entre interlocutores*”, posto em funcionamento por um sujeito constituído na/pela linguagem, interpelado pela ideologia “*para que se produza o dizer*” (Orlandi, 2002, p. 46). O sujeito, para a AD, é constituído no simbólico, pela contradição de estar sujeito à língua para ser sujeito da língua. Ele é subjetivado<sup>11</sup> por um duplo movimento: interpelação do indivíduo em sujeito pela Ideologia e pelas formas de individualização do sujeito pelo Estado.

No primeiro movimento, o indivíduo, ao inscrever-se na língua, é interpelado pela ideologia em sujeito, resultando dessa interpelação uma forma-sujeito-histórica capitalista. Sobre isso, Pêcheux (1975) afirma que:

[...] o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeito (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistemas de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 1975, p. 162)

Assim, é por meio do funcionamento da Ideologia, cujo efeito é a produção de evidências, que o sujeito tem a falsa ilusão de ser a origem do seu dizer e dos sentidos desse

---

<sup>11</sup> A subjetividade, para Orlandi (2002), é constituída no acontecimento do discurso. Isso se dá porque o sujeito se subjetiva conforme ele se projeta do seu lugar no mundo para sua posição no discurso. O sujeito é posição entre outras posições discursivas.

dizer, quando, na verdade, retoma sentidos já existentes, em que estes significam pelo modo como esse sujeito se inscreve na língua e na história. Isso é denominado, por Pêcheux, como esquecimento número “um” (esquecimento ideológico) e é da instância do inconsciente.

O esquecimento é estruturante do discurso. Além do esquecimento número “um”, há o número “dois” (esquecimento enunciativo), por meio do qual o sujeito fala de uma determinada maneira e não de outra, sendo sempre possível dizer de uma outra forma. O esquecimento número “dois” produz a impressão da existência de uma relação direta entre pensamento/linguagem/mundo, impressão que faz o sujeito acreditar no pensamento sendo representado por apenas determinados dizeres e não outros. Esse esquecimento estabelece também uma relação entre palavra e coisa, que naturaliza essa ligação. O sujeito significa o seu dizer ao inscrever-se em formações discursivas pelas quais há determinação, por meio da ideologia, das posições de sujeito e o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1975). Os esquecimentos são, portanto, resultantes do funcionamento da Ideologia no discurso.

No segundo movimento de subjetivação do sujeito, é o Estado, com suas instituições e poder de articular relações que individualiza a forma-sujeito-histórica, sendo o indivíduo o resultado de um processo, um constructo, referido pelo Estado (ORLANDI, 2005). O sujeito é individuado pela sua identificação com as Instituições do Estado como a Igreja, a Família e a Escola. É nesse movimento que ocorre a identificação do sujeito com determinada formação discursiva, que representa o lugar de constituição da identificação do sujeito e também de constituição dos sentidos.

Os sentidos significam através da relação entre o interdiscurso (constituição dos sentidos, memória discursiva) e o intradiscurso (formulação), sendo que a formulação é determinada pela constituição. *“O que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. (...) o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva”* (ORLANDI, 2002, p. 82). Desse modo, é possível observar a ligação do dito com o não dito e a relação destes com as noções de intradiscurso e interdiscurso.

O interdiscurso incorpora os elementos do ‘pré-construído’, definido por Pêcheux (1975), em referência aos trabalhos de P. Henry, como *“o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”* (p.99). Ou seja, entendemos o ‘pré-construído’ como sendo os sentidos que sustentam uma determinada discursividade, fazendo parte da instância da memória discursiva.

A produção dos efeitos de sentido no discurso, além de ser compreendida na relação entre formulação e memória, também pode ser visível por meio da paráfrase e da polissemia, pois todo discurso se faz na tensão entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia). A

polissemia se refere à idéia de deslocamento, de ruptura de processos de significação, enquanto a paráfrase remete à idéia de estabilidade, de dizer sedimentado. É no jogo entre a paráfrase e a polissemia que os sujeitos e os sentidos (se) significam. Com a paráfrase (repetição) e a polissemia (deslocamentos, movimentos de deslize), podemos observar outras possibilidades de dizer permitindo o entendimento dos processos e mecanismos de constituição dos sentidos e dos sujeitos.

Segundo Orlandi (2001), a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos são três instâncias inseparáveis no processo de produção de sentidos. Apresentamos aqui a constituição e a formulação, mas ainda não tratamos da noção de circulação dos sentidos. A circulação permite que os sentidos que configuram uma discursividade circulem no social por meio dos dizeres de um sujeito. No caso do *corpus* deste trabalho, referimo-nos aos dizeres que circulam pela materialidade do cordel.

## **2.2. A noção de autoria e a figura discursiva do porta-voz**

Um dos questionamentos deste trabalho diz respeito à relação entre o cordel e a figura do porta-voz. A discussão sobre o porta-voz demanda que consideremos um conceito muito importante para a Análise de Discurso: a autoria.

A noção de autoria permeia os pensamentos de filósofos, linguistas, entre outros estudiosos, que mostram diversas reflexões sobre esse assunto. A que nos interessa neste trabalho é a discursiva.

Foucault (1971), em a *Ordem do Discurso*, diz que o autor é o *princípio de agrupamento do discurso*, mostrando que este tem uma função muito importante em nosso modo de organização social. O autor, para Foucault, é o que organiza os dizeres em textos, agrupando-os, textualizando os discursos que circulam no social.

A AD compreende o autor como uma função do sujeito, a função-autor. Para Lagazzi-Rodrigues (2006), o termo função “[...] *retira da figura do autor qualquer caráter intrínseco e a situa na relação com a exterioridade que a constrói, situa o autor na história*” (p.91). Por meio da inserção do sujeito na história, no social, na cultura, o autor assume a responsabilidade pelo que diz e como diz. Essa tomada de responsabilidade é chamada por Orlandi (1988) de *assunção da autoria*.

Assim como o sujeito está para o discurso, o autor está para o texto. Dessa maneira, falar em autoria nos leva a falar em texto. Este, para a Análise do Discurso, é o lugar onde se



inscrevem as múltiplas possibilidades de leitura, por múltiplas formações discursivas, é o lugar onde se permitem os múltiplos gestos de interpretação, delimitados pela historicidade dos sentidos. A noção de autoria estabelece uma relação processual com o texto, em que o autor se constitui como tal na medida em que o texto vai se configurando, devido ao seu trabalho de delimitar, organizar os sentidos no processo de textualização, pois “*a própria unidade do texto é um efeito discursivo que deriva do princípio de autoria, o reconhecimento da autoria deriva do efeito de unidade do texto*” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p. 93).

Pelo contato com o social e com as coerções, a função-autor está mais submetida às regras das Instituições do Estado, como a Escola, a Família e a Igreja, por exemplo, e nesta função podemos observar de forma mais clara os procedimentos disciplinares para a materialização e agrupamento discursivos (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006). Nesse sentido, os poetas populares exercem a autoria no seu cotidiano, no cotidiano da linguagem, determinados pelas condições de produção, assumindo a responsabilidade dos seus dizeres na ordem do discurso.

O poeta de cordel não é considerado apenas como o autor dos folhetos, ele é também considerado por Meyer (1980), Souza (2007) e pelo próprio público<sup>12</sup> como o porta-voz do seu povo, a voz dos oprimidos, aquele que fala do lugar dos seus e em nome destes. Essa relação entre cordelista e porta-voz já está naturalizada, tanto pelo público quanto pelos estudiosos da literatura de cordel, que confere ao cordelista tal papel social.

Suspendemos essa denominação já estabilizada e deslocamos a figura de porta-voz para a perspectiva discursiva, na qual M. Pêcheux (1990) a define, no artigo *Delimitações, inversões, deslocamentos*, como sendo

[...] ao mesmo tempo ator visível e testemunha ocular do acontecimento: o efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior (p.17).

Baseando-nos neste excerto, podemos dizer que o porta-voz é definido como “ator visível” e “testemunha ocular do acontecimento”, ou seja, ele é a figura que fala algo em

---

<sup>12</sup> [www.brasilcultura.com.br/literatura/poesia-do-sertao](http://www.brasilcultura.com.br/literatura/poesia-do-sertao) e [www.almanaquebrasil.com.br/ilustresbrasileiros/poeta-passaro-poeta-cidadao](http://www.almanaquebrasil.com.br/ilustresbrasileiros/poeta-passaro-poeta-cidadao). Acesso em 20/04/2010.

nome de alguém para outro alguém. Essa teorização discursiva do porta-voz foi feita por Pêcheux em um contexto político revolucionário, no qual o autor discute os deslizos e deslocamentos de sentidos produzidos em discursos que circulavam em acontecimentos como a Revolução Francesa, a Revolução Socialista e as revoluções do século XX. O porta-voz, aí, é considerado como o representante do seu povo, como aquele que se expõe ao poder no momento de reivindicar algo, de questionar uma ordem, rompendo, desse modo, o círculo do poder dominante. Esse rompimento abre espaço para a subversão à ordem, o que constitui o porta-voz como uma figura revolucionária:

É através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um ‘acontecimento histórico’, rompendo o círculo de repetição. (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

A enunciação dos dizeres do povo pelo porta-voz se configura como uma representação imaginária. E. B. Conein (apud Pêcheux, 1990) afirma que:

O que nunca é introduzido no enunciado do porta-voz é aquilo que o povo diz ou disse. O discurso relatado é estranho ao discurso do porta-voz. A representação do povo como locutor (discurso relatado) está ausente, e a possibilidade de que o povo ocupe um lugar de orador está excluída, pois anularia a função do porta-voz. (p.18)

O discurso do porta-voz se forma, portanto, por meio de um confronto constante com a memória do dizer popular e a sua reformulação.

Zoppi-Fontana (1997), no seu trabalho sobre discurso e representação política, faz uma reflexão dessa figura falando em nome do povo em um contexto político. A autora diz que o porta-voz é uma figura contraditória, pois a representação dos enunciados do povo pelo porta-voz se dá por meio de “*processos políticos de identificação e diferenciação*”. A partir desses processos, Zoppi-Fontana define tal figura “*no espaço semântico do diferente*” por processos discursivos que o diferenciam e o destacam do grupo ao qual ele representa.

### **2.3. Poesia na língua: reflexões teóricas**

Conforme já dissemos no início deste trabalho, não podemos compreender o funcionamento discursivo do cordel sem levar em conta sua materialidade poética.

A definição de poesia que está estabilizada em nosso meio social é aquela que a define como uma arte em versos e a relaciona com o sensível, com a inspiração do poeta, com o belo, conforme pode ser visto nas definições abaixo, extraídas de dois dicionários<sup>13</sup> de grande circulação nacional.

Poesia, no dicionário *Michaelis*, é definida da seguinte maneira:

**1** Arte de escrever em verso. **2** Conjunto das obras em verso escritas numa língua. **3** Cada um dos gêneros poéticos. **4** Composição poética pouco extensa; pequeno poema. **5** **Qualidades que caracterizam os bons versos.** **6** **Caráter do que desperta o sentimento do belo; inspiração.** **7** **Elevação nas idéias, no estilo.** **8** **Atrativo, graça, encanto.** *P. anacreôntica:* aquela em que se canta o amor e o vinho. *P.-de-sete:* *Lit* *pop* estrofe de sete versos heptassílabos, com o esquema rimático ABCBDDDB; obra-de-sete-pés. *Pl:* *poesias-de-sete.* *P. do estilo:* animação, colorido, riqueza, em verso ou em prosa. *P. muda:* a pintura.

No dicionário *Aurélio*, poesia é definida como:

Poesia [Do gr. poíesis, 'ação de fazer algo', pelo lat. poese + -ia] S.f. 1. Arte de escrever um verso. 2. Composição poética de pequena extensão. **3. Entusiasmo criador, inspiração** **4. Aquilo que desperta o sentimento do belo.** **5. O que há de elevado ou comovente nas pessoas ou nas coisas.** **6. Encanto, gala atrativo.**

Chamamos a atenção para os verbetes que reafirmam o sentido já cristalizado de poesia como sendo algo ligado ao sentimento, podendo comover os interlocutores. Observamos que os dois dicionários estabelecem tal relação nas suas definições, dando visibilidade não só ao sentido já estabilizado de poesia para a sociedade como também ao imaginário sobre a arte poética.

É claro que para esta pesquisa é muito importante considerar o aspecto sensível da poesia e como ele funciona na circulação e produção de sentidos dos discursos que circulam nos versos dos cordéis. Porém, vamos deslocar esse sentido do poético já estabilizado e presente no imaginário social, para uma conceituação discursiva mais abrangente e muito relevante para este trabalho. Vamos refletir sobre a poesia na perspectiva da Análise de Discurso materialista.

Retomamos aqui um trecho das reflexões de Gadet & Pêcheux (2004), já apresentado na introdução deste trabalho:

---

<sup>13</sup> Citamos as definições dos dicionários como estabilizadas, pois os dicionários são um lugar em que há uma cristalização dos sentidos.

Diante das teorias que isolam o poético do conjunto da linguagem, como lugar de efeitos especiais, o trabalho de Saussure (tal como ele é, por exemplo, comentado por Starobinski) faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da língua própria. O poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites; ele é, segundo a palavra de Baudrillard, suprimindo a acidez, um “acelerador de partículas da linguagem”. Poder-se-ia assim dizer, no espírito do comentário de Lacan sobre a fórmula “não há pequenas economias”: “não há linguagem poética”. (GADET & PÊCHEUX, 2004, p. 58).

Destacamos como fundamental a afirmação de que o poético é *um deslizamento inerente a toda linguagem*. A poesia, pensada discursivamente, é uma propriedade da própria língua, na qual há o equívoco, há a falha, há os deslizamentos. Segundo Milner (apud GADET & PÊCHEUX, 2004), “[...] *sem a poesia [...] nós não teríamos a idéia de que a língua se inscreve no real, e os trocadilhos, lapsos etc seriam acidentes*” (p.63). Tendo como base esses dizeres, podemos afirmar, portanto, que o poético faz parte da ordem da língua.

Mariani (2007), inicia seu artigo *Silêncio e Metáfora, algo para se pensar*, com uma reflexão sobre o silêncio e a metáfora, reafirmando o poético como parte integrante da linguagem:

Gostaria de iniciar esse texto sobre o silêncio e a metáfora lembrando que, do ponto de vista discursivo, **o poético não está fora da linguagem**, não é algo restrito a um conjunto de efeitos especiais a ser usado em determinadas ocasiões. Ao contrário, pode-se perceber como uma propriedade da ordem da língua essa capacidade de deslizamento do poético. Um deslizamento que incide no corpo da língua, em sua materialidade significante específica (MARIANI, 2007, p. 55, cf. PÊCHEUX, 2004).

Baseando-nos neste excerto, observamos a possibilidade de ver um deslocamento no sentido estabilizado no social de poesia para a sua teorização no campo dos estudos discursivos, quando a autora nega que a poesia seja somente algo “*restrito a um conjunto de efeitos especiais*”. O deslizamento é poético, pela possibilidade de falha que há no encadeamento do significante, produzindo uma deriva de sentido tanto para aquele que a escreve, o autor, quanto para aquele que a lê ou a escuta.

Devido a essa possibilidade de falha é que o poético, segundo Costa (2009), é “*um espaço privilegiado de resistência, a qual, segundo Pêcheux, é uma forma possível de revolução*” (p. 71). Deslizamentos produzidos pelo poético são fundamentais para analisar os possíveis deslocamentos de sentido dos discursos que circulam pelos versos dos folhetos.

Retornando Mariani, esta faz um percurso analítico muito interessante com os versos da música *A terceira Margem do Rio*, de Caetano Veloso e Milton Nascimento, na sua reflexão sobre a metáfora, silêncio e poético. Na sua análise, a autora mostra como o jogo fônico das palavras nos versos da música em questão produz uma desorganização das frases, desorganização pelo jogo com o significante que, segundo ela, configura *uma incompletude no simbólico*.

Esse jogo com o significante remete às considerações feitas por Lacan e retomadas pela autora sobre o próprio significante e a sua relevância para a ordem da língua, no sentido de que ele é um *elemento-guia*:

[...] o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão [...]. Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante (LACAN, 1985, pgs. 505 e 506 apud MARIANI, 2007, p. 64).

A partir desses dizeres, podemos considerar o significante como um suporte material de possibilidades de outros sentidos. Procuraremos nos atentar, desse modo, para o significante e não apenas para o significado durante a análise dos versos de cordel, já que o primeiro “*é a base sobre a qual os sentidos se produzem em diferentes condições*” (LAGAZZI, 2006, p. 88), sempre sustentados pela história.

A reflexão de Almeida (2009) sobre a poesia na língua é interessante para o nosso trabalho no que diz respeito às compreensões da autora, por meio das análises dos versos de Manoel de Barros, sobre o funcionamento da memória discursiva, que em um movimento de repetição/reformulação do já-dito, já estabilizado na língua nos permite *compreender como a matéria significante da língua produz poesia* (p.3). Esse processo de repetição/reformulação na poesia de cordel nos faz buscar a compreensão do modo como os discursos sociais são formulados e reformulados na materialidade poética, levando em conta o já estabilizado que o cordel retoma.

## 2.4. Metodologia de pesquisa

Para que o analista seja capaz de explicitar o funcionamento discursivo, é muito importante considerar as condições de produção nas quais o discurso foi produzido. Por esse motivo, apresentamos, no início desta dissertação, as diferenças e semelhanças da Literatura de Cordel produzidas a partir da década de 40 até os dias atuais. Lagazzi (1988), citando Pêcheux (1975), define o conceito de condição de produção como sendo:

[...] ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar no interior das quais se encontra inscrito o sujeito, e a ‘situação’ no sentido concreto e empírico do termo, quer dizer, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientes colocados em jogo. (p.56).

Falar em condições de produção remete às formações imaginárias, que se representam para o sujeito como realidade. Estão presentes nas formações imaginárias os seguintes mecanismos de funcionamento do discurso: relação de sentidos, na qual dizeres possuem relações com outros dizeres já realizados ou imaginados; mecanismo de antecipação, pelo qual há a possibilidade do sujeito se colocar no lugar do(s) seu(s) interlocutor(es) e, em relação a este(s), antecipar-se quanto ao sentido que seus dizeres produzem e, finalmente, a relação de forças, pela qual podemos observar que o lugar ocupado pelo sujeito ao realizar o seu dizer significará o que é dito. São as projeções resultantes das imagens encontradas nos discursos que permitem a passagem de situações empíricas para as posições do sujeito no discurso (Orlandi, 2002).

Tanto as condições de produção quanto as formações imaginárias permitem ao analista atingir a(s) formação(ões) discursiva(s) que se apresenta(m) em um texto<sup>14</sup> e, através destas, chegar às formações ideológicas. Como afirma Lagazzi (1988), uma análise feita sem considerar as condições de produção apontará para um discurso em que serão apagadas as contradições entre as diversas formações discursivas que aí se entrecruzam, além de apontar para um discurso sem memória. Sem as condições de produção não há como o pesquisador compreender o funcionamento discursivo.

A análise deve se pautar pela construção do chamado dispositivo teórico analítico da interpretação. Este dispositivo permite ao analista se deslocar da sua posição de leitor e essa nova perspectiva possibilita a compreensão do processo de produção de sentidos em suas

---

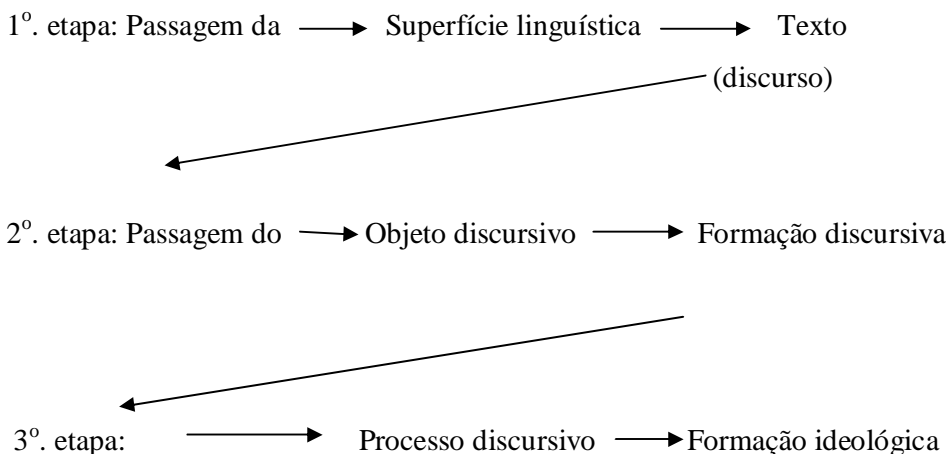
<sup>14</sup> Um texto, pensado discursivamente, é ou pode ser constituído de múltiplas formações discursivas.

condições, sempre trabalhando no entremeio da descrição com a interpretação. Sobre o espaço analítico da Análise de Discurso, Pêcheux (1990) propõe o seguinte:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação <sup>15</sup> (p.53).

Na sua posição deslocada, o analista procura um lugar de reflexão considerando o descentramento do sujeito, a opacidade da língua e sua materialidade, equívoco e falha, ou seja, ele leva em conta o real da língua. O dispositivo da AD investe, portanto, no trabalho da ideologia.

A análise discursiva se faz no entrecruzamento de diferentes etapas, que dão forma ao dispositivo teórico. Orlandi (2002) expõe os processos de análise da seguinte maneira:



Na primeira etapa, construímos um objeto discursivo a partir do “material linguístico empírico”<sup>16</sup>, composto pelos cordéis selecionados para este trabalho. O objeto discursivo é constituído por meio de recortes realizados no material, sendo que esses recortes compõem o *corpus* discursivo, que responde aos objetivos de análise e às perguntas feitas pelo analista. O *corpus*, na Análise de Discurso, tem um caráter dinâmico e o seu fechamento só se dá com o final do percurso analítico. Assim, a sua delimitação faz parte da análise, dado que “*todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte*

<sup>15</sup> Os lugares de deslizos e derivas dos discursos citados neste trecho são chamados pela A.D. de efeito metafórico.

<sup>16</sup> Termo utilizado por S. Serrani em seus trabalhos, no lugar de ‘superfície linguística’, usado por Pêcheux.

*determina o modo de análise e o dispositivo teórico da interpretação que constituímos*” (Orlandi, 2003, p. 64), o que explica o fato de que a definição do *corpus* discursivo só se dá com o final da pesquisa. Para analisar os recortes discursivos, orientamo-nos pelas condições de produção, que são importantes para chegar às generalizações e regularidades, sem o perigo de apagar a polissemia e os funcionamentos discursivos constitutivos dos folhetos.

Na segunda etapa da análise, buscamos observar, a partir do *corpus*, as regularidades configuradas pelas marcas discursivas que encontramos nos textos dos cordéis selecionados para esta pesquisa. O dispositivo teórico-analítico permite um deslocamento em relação ao objeto e este deslocamento permite compreender o funcionamento das marcas no discurso para dar visibilidade às formações discursivas. Após dar visibilidade às formações discursivas, realizamos o nosso último passo, a terceira etapa do percurso analítico, na qual procuramos compreender os processos discursivos, colocando em evidência os traços destes, *“já que esses processos estão na origem da produção dos efeitos de sentido, constituindo-se a língua como um lugar material onde se realizam esses efeitos de sentido”* (PECHEUX, 1975, p.52). Através dos processos discursivos, podemos entender o funcionamento da ideologia na materialidade da língua, apreendendo a historicidade no texto<sup>17</sup>, sendo este considerado por Orlandi (2002) como *“fato discursivo”* que nos permite chegar a uma memória discursiva.

## **2.5. O confronto com a materialidade dos cordéis: percurso de constituição do *corpus* discursivo**

O confronto com a materialidade discursiva, segundo Lagazzi (2006) só é possível com a *“formulação de um objetivo, a delimitação do corpus e a remissão às condições de produção”* (p.185). Assim, a primeira etapa para confrontar a materialidade discursiva dos cordéis foi a formulação da pergunta teórica que orientou a constituição do *corpus* e as análises. Nossas perguntas foram:

- (i) *Como o social é significado na materialidade do cordel?*
- (ii) *Como se dá o funcionamento do porta-voz no cordel?*

---

<sup>17</sup> A ideologia põe o texto como unidade de sentido em relação à situação.



Considerando essas questões, começamos a trabalhar com o material de pesquisa – os cordéis – para a delimitação do *corpus* e análise. Primeiramente, estabelecemos uma data para a escolha dos folhetos: analisamos apenas folhetos produzidos a partir da década de 40 até os dias atuais. Escolhemos tal década como a data inicial para a seleção do material, porque, segundo Tavares<sup>18</sup>, esta época foi o auge das vendas dos folhetos. Selecionamos materiais do arquivo de Literatura de Cordel do CEDAE/IEL/UNICAMP, da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e os que estavam reunidos nas antologias organizadas por pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa. Aos cordéis desses arquivos, agregamos folhetos reunidos durante uma viagem a João Pessoa realizada no início de março de 2009. Decidimos juntar esses folhetos ao conjunto do nosso material porque eles mostram os temas que ainda circulam comercialmente no nordeste brasileiro.

Depois da leitura do material orientada por nossas perguntas discursivas, selecionamos os seguintes cordéis para a formação do *corpus* deste trabalho<sup>19</sup>:

- *A chegada de Getúlio no céu e o seu julgamento*, de Rodolfo Coelho Cavalcante;

*Resumo:* Este folheto narra a chegada de Getúlio Vargas no céu logo após o seu suicídio. Devido à causa de sua morte, ele é julgado para que se decida se ele entra ou não no céu. A acusação aponta todos os atos violentos praticados por Getúlio durante o seu governo e a defesa apresenta as qualidades deste presidente, definindo-o como um grande líder.

- *O testamento de Getúlio*, de Cuíca de Santo Amaro;

*Resumo:* Este folheto fala sobre o testamento deixado por Getúlio Vargas para o povo e para os seus inimigos.

- *A CPI do P.C. e o Impeachment do Collor*, de Paulo de Tarso Gomes, publicado em 1992.

*Resumo:* Este cordel fala do Impeachment do presidente Collor e a CPI que investigava o esquema de corrupção tramado por P.C. Farias.

- *A palavra mensalão*, de Vicente Campos Filho, publicado em 2005, João Pessoa.

*Resumo:* Folheto que conta os fatos do *mensalão* e a corrupção na política brasileira.

- *A volta de Jânio Quadros (A esperança do povo)*, de Joaquim Batista de Sena.

---

<sup>18</sup> Obtivemos esta informação através do artigo *Literatura de cordel chama atenção pelo caráter popular e pela relevância na cultura brasileira*, de Joseph Luyten, presente no site [www.facasper.com.br/cultura/site/critica](http://www.facasper.com.br/cultura/site/critica).

<sup>19</sup> É importante lembrar aqui que a maioria dos folhetos que constitui o *corpus* deste trabalho não apresentava data de publicação.

*Resumo:* Neste folheto é retratada a figura de Jânio Quadros caracterizando-o, enquanto presidente, como um homem honesto que renunciou o seu cargo porque não conseguia trabalhar com a corja que havia na política brasileira.

- *ABC dos tubarões*, de Minelvino Francisco Silva.

*Resumo:* Este folheto fala da corrupção na política e da atitude que a população deve tomar para evitar tal problema. A atitude seria o voto seguro e confiante.

- *Lula, de metalúrgico a presidente: o operário que virou presidente*, de Pedro Costa, publicado em 2002.

*Resumo:* Este cordel retrata a vitória do povo por ter conseguido eleger Lula para a presidência. O cordelista mostra a esperança do povo depositada no governo do presidente para que ele acabe com as mazelas dos mais desfavorecidos.

- *Carta da amiga droga*, de Vanerci Santos do Nascimento, publicado em 2004.

*Resumo:* Retrata os problemas provocados pelo uso da droga tanto no que diz respeito à saúde quanto à vida social do dependente.

- *O divórcio no Brasil*, de Pedro Bandeira.

*Resumo:* Cordel que comenta a criação da lei que aprova o divórcio no Brasil.

- *A maneira da mulher não ter filhos*, de Rodolfo Coelho Cavalcante, publicado em 1973.

*Resumo:* Cordel que descreve formas adotadas pelas mulheres para evitarem ter filhos e o motivo delas para a utilização dos métodos anticoncepcionais.

- *O que faz um nordestino em São Paulo*, de João de Barros.

*Resumo:* Folheto que narra os feitos realizados pelos migrantes nordestinos que ajudaram a cidade de São Paulo crescer.

- *A natureza e o homem*, de Gonçalo Ferreira da Silva, publicado no Rio de Janeiro.

*Resumo:* Cordel que fala da necessidade de preservarmos o meio ambiente.

- *Meninos de rua e a chacina da Candelária*, de Gonçalo Ferreira da Silva, publicado em 2005.

*Resumo:* Este cordel retrata, principalmente, o problema da violência urbana e do abandono de nossas crianças, dando como exemplo a Chacina da Candelária.

- *O cúmulo da violência em Literatura de Cordel*, de Pedro Costa, publicado em 2000.

*Resumo:* Este cordel fala sobre a violência urbana no Brasil e sobre os problemas da nossa polícia, criticando a segurança pública atual. Para ilustrar tal situação, narra a história do sequestro do ônibus 174 que culminou na morte de uma refém e também na do sequestrador do ônibus.

- *Os martírios do nortista viajando para o Sul*, de Cícero Vieira da Silva.

*Resumo:* Cordel que retrata os martírios dos migrantes nordestinos que vêm para a região sudeste. Nesse cordel, o lugar retratado é o Rio de Janeiro.

- *A história da Transamazônica e a Vitória do Presidente Médici*, de João Carneiro Filho.

*Resumo:* Cordel que narra a construção da Transamazônica durante o governo de Médici. Além disso, ao longo deste folheto, há a menção de vários presidentes da época da Ditadura Militar.

- *Aposentadoria para o homem do campo*, de Severino Amorin Ferreira.

*Resumo:* Cordel que traz informações sobre o direito à aposentadoria do homem do campo, direito este criado por Médici.

- *A lamentável morte do ex-presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco*, de Expedito Sebastião.

*Resumo:* Folheto que fala sobre a morte de Castelo Branco e, para homenageá-lo, descreve as suas qualidades como governante e como ser humano.

- *A trágica morte do ex-presidente Marechal Arthur Costa e Silva*, de Erodildes Miranda dos Santos.

*Resumo:* Folheto que narra o velório de Costa e Silva e como a sua morte foi lamentada pelo povo.

- *O governo do presidente Médici e os agradecimentos dos trabalhadores do Brasil*, de Minelvino Francisco Silva.

*Resumo:* Este folheto é um enaltecimento do governo do presidente Médici devido ao fato de ele ter criado algumas leis que beneficiavam os agricultores, as domésticas e os pobres, ou seja, que beneficiavam a camada popular da nossa sociedade.

- *O valor da reforma agrária e a missão da terra*, de Minelvino Francisco Silva.

*Resumo:* Cordel que explicita a necessidade e a importância da reforma agrária no Brasil.

- *Tortura e a moral do calados*, de Raimundo Santa Helena.

*Resumo:* Cordel que denuncia as torturas que aconteciam nos porões da ditadura.

A análise dos títulos dos folhetos aponta para uma relação forte com a mídia. Podemos ver cordéis que falam sobre o Presidente Lula, sobre a morte de P.C. Farias, sobre corrupção na política brasileira, sobre violência urbana, sobre a migração nordestina para o sudeste, sobre a preservação da natureza, sobre divórcio, sobre métodos anticoncepcionais, sobre os presidentes da época da Ditadura, sobre reforma agrária, sobre política, etc., todos assuntos que tiveram ou ainda têm uma grande repercussão na mídia. A violência urbana é um tema muito tratado pela mídia, e para falar sobre isso há cordéis que tomam como exemplo fatos que marcaram a nossa sociedade como a Chacina da Candelária<sup>20</sup> e o sequestro do ônibus 174<sup>21</sup>, que foram notícias em inúmeros jornais como o *Jornal Nacional*, *Folha de São Paulo*, *Estadão*, entre outros. Para falar de corrupção, vemos folhetos que trazem a estória do *mensalão*, do Impeachment do Collor, também assuntos que tiveram grande repercussão na mídia<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> A Chacina da Candelária foi o assassinato de nove jovens moradores de ruas por uma milícia policial. Esse crime chocou o Brasil e teve grande repercussão na mídia.

<sup>21</sup> O sequestro do ônibus 174 foi um episódio de violência que ocorreu em junho de 2000, que culminou na morte de uma refém, baleada pelo sequestrador, e também na morte deste pela polícia. Este caso e o seu desfecho também tiveram grande repercussão na mídia.

<sup>22</sup> A contraposição entre o discurso do cordel e o discurso da mídia se configura como uma proposta muito interessante e produtiva. Essa contraposição, no entanto, não faz parte dos objetivos desta dissertação, que é compreender como o social se significa no discurso do cordel.

## CAPÍTULO III

### O SOCIAL, A POESIA E A FIGURA DO PORTA-VOZ

#### 3.1 Como o social se significa na Literatura de cordel?

Durante as análises, o primeiro ponto que nos chamou a atenção foi a estrutura poética do cordel. Como já dissemos no início desta dissertação, tal estrutura é formada por um esquema de rimas constante e por uma métrica bem marcada que configuram o ritmo, sendo este um constituinte fundamental para a circulação dos sentidos nos folhetos nordestinos.

Possenti (2002) apresenta uma afirmação interessante sobre o funcionamento das piadas, a qual podemos deslocar para os folhetos: “[...] a graça de uma piada está em uma certa maneira de apresentar tal tema ou tese sobre tal tema” (p. 46). Podemos considerar que a discursividade que circula nos cordéis produz um determinado efeito de sentido nos interlocutores, diferente do produzido por um texto jornalístico, às vezes, não por apresentar dizeres que nos remetem à brincadeira, ao cômico<sup>23</sup>, mas sim por ser apresentada em outra materialidade, a poética. Ou seja, uma outra maneira de mostrar e discutir a violência urbana, o uso de drogas, a migração nordestina, a preservação da natureza, a corrupção na política, etc.

Sobre a poesia na língua, retomamos Milner (apud GADET & PECHEUX, 2004), já apresentado no quadro teórico deste trabalho, que afirma que a poesia é um lugar de deslizamento, onde a língua se inscreve no real. É interessante, assim, buscar compreender o deslizamento na materialidade do cordel, que tende a uma estrutura fixa, e, desse modo, perguntamo-nos: Como se dá a circulação dos temas sociais pela poesia? Quais efeitos são produzidos?

Para responder a este questionamento, apresentamos a análise do cordel *O dia em que P.C. Farias infernizou o inferno*<sup>24</sup>, de Vicente Campos Filho, publicado em 2006, cuja temática é a corrupção na política.

---

<sup>23</sup> Em nosso *corpus*, como foi possível já ver pelos breves resumos, não há apenas cordéis cômicos, pois há alguns que apresentam um tom dramático, o que mostra que os folhetos não são apenas humorísticos.

<sup>24</sup> P.C. Farias foi tesoureiro da campanha presidencial de Fernando Collor de Mello e Itamar Franco, no ano eleitoral de 1989. Ele fora acusado de ser testa de ferro de diversos esquemas de corrupção. P.C. Farias foi morto, junto com a sua namorada, em 1996. Há duas hipóteses sobre a sua morte: a primeira é que ele foi assassinado pela sua namorada e depois esta cometeu suicídio; a segunda é que ambos foram assassinados. O

(...)  
*E o Cão disse: “tá certo! (A)*  
*Levem embora esse sujeito (B)*  
*Mas mandem de volta a Terra” (C)*  
*Ele aqui, eu não aceito (B)*  
*Só vindo lá de Brasília (D)*  
*Pra ser ladrão desse jeito”.(B)*

(...)  
*O cão gritou: “Corram logo (A)*  
*Abram aquela porta ali (B)*  
*Naquela caldeira grande (C)*  
*E me tragam logo aqui (B)*  
*Quatro ou cinco deputados (D)*  
*Especialistas em CPI. (B)*

*Os ajudantes do Cão (A)*  
*Lhe trouxeram os deputados (B)*  
*Por serem assim perigosos (C)*  
*Vieram bem amarrados (B)*  
*De tanto tempo no fogo (D)*  
*Estavam pretos e tostados.(B)*  
 (...)

O esquema de rimas ABCBDB aparece ao longo das estrofes deste folheto. Esta regularidade também é vista em outros cordéis, constituindo-se como uma marca desse gênero literário<sup>25</sup>. Neste folheto, seguindo o seu esquema de rimas, é necessário rimar o segundo, o quarto e o sexto versos, o que produz um movimento rítmico que marca todo o texto e mostra que só há possibilidade de dizer de modo que esse dizer caiba nas rimas e não saia do padrão. A métrica do cordel, na qual os versos são geralmente redondilhas menores ou redondilhas maiores, é um outro aspecto importante para a determinação do modo como os dizeres são apresentados nos folhetos, pois ela também é fixa ao longo de toda a poesia, assim como as rimas, o que confere um espaço determinado em cada verso para que os dizeres sejam organizados, sendo esse espaço conciso. Dessa maneira, compreendemos que o funcionamento da rima e da métrica organiza os discursos que circulam no cordel, para que não saia do padrão já estabelecido.

Essa estrutura padrão é importante, conforme já mostramos no primeiro capítulo deste trabalho, para a memorização dos dizeres que circulam nos versos. Assim, essa

---

caso de P.C. Farias teve grande repercussão na mídia sendo manchete e pauta principal de diversos jornais e telejornais de grande circulação do país.

<sup>25</sup> É importante salientar que não é necessário que todos os folhetos tenham o mesmo esquema de rimas de *O dia em que P.C. Farias infernizou o inferno*, mas sim que o esquema apresentado na primeira estrofe se repita ao longo do cordel.

estrutura do cordel é uma forte determinação para o efeito mnemônico. Abreu (1999) confere um papel importante para as rimas, pois são elas que fornecem pistas do que será dito, permitindo a recordação por parte dos interlocutores de uma história já conhecida. Na perspectiva discursiva, consideramos que a rima é determinante das possibilidades de associações já estabilizadas na memória discursiva, ou seja, elas recortam possibilidades de dizeres sobre determinados assuntos, pautadas pela memória social destes dizeres.

Além do efeito mnemônico, podemos compreender o efeito de precisão produzido pela estrutura poética, que é concisa devido à métrica e, muitas vezes, ao próprio tamanho do folheto. Esse efeito é relevante para compreendermos como o social se significa em uma discursividade que, pela sua materialidade poética, é precisa e objetiva.

É importante considerarmos também que tal estrutura estável está em tensão com os pontos de deriva possibilitados pela poesia da língua. O folheto em análise, ao narrar que os **deputados** estão **amarrados** e **tostados**, produz o deboche em relação aos políticos, deboche este configurado no entremeio da rima que possibilita a associação desses dizeres com a memória do político corrupto e que remete os dizeres do folheto à brincadeira, ao lúdico, devido ao modo como a corrupção é apresentada pela poesia do cordel.

A maneira pela qual a política e a corrupção são exploradas no folheto em questão é diferente do modo como essas questões são apresentadas em notícias de jornais. Compreendemos, no cordel *O dia em que P.C. Farias infernizou o inferno*, que há uma brincadeira em relação à corrupção. Caso uma notícia de jornal apresentasse tal brincadeira, ela seria vista como inadequada. Dessa forma, a poesia permite que os dizeres que circulam nos cordéis sejam significados de uma maneira lúdica.

O lúdico, no entanto, não é sinônimo de humor. Essa diferença pode ser vista em outros folhetos do *corpus*. Temas como a violência urbana, a migração nordestina, o uso de drogas não são assuntos tratados com deboche, e sim com um tom que muitas vezes chega próximo ao dramático. Porém, a estrutura poética do cordel permite que os dizeres que circulam nesses folhetos sejam interpretados de uma forma lúdica, devido ao deslizamento produzido pela poesia. Vejamos as seguintes estrofes do cordel *Os martírios do nortista viajando para o Sul*:

A carestia do Norte (A)  
Vivente nenhum **agüenta** (B)  
Cada dia que se passa (C)  
O custo de vida **aumenta** (B)  
Por isto o pai de família (D)  
Grande sacrifício **enfrenta**. (B)

(...)

*Hoje o pobre nordestino (A)*  
*Vive quase morto de **fome** (B)*  
*Trabalha pra seu patrão (C)*  
*Não lucra nem o que **come** (B)*  
*Só não se arrisca roubar (D)*  
*Pra não manchar o seu **nome**. (B)*

(...)

*Como não fica esse pai?(A)*  
*Olhando para seus **filhinhos** (B)*  
*Sem ter que compre um pão (C)*  
*Pra dá aos seus **garotinhos** (B)*  
*Vendo a miséria apossar-se (D)*  
*Dos frutos dos seus **carinhos**.(B)*

(...)

O esquema de rimas desse folheto é ABCBDB, cada verso é formado por sete sílabas métricas, o que confere um ritmo que organiza a sua leitura. Ou seja, o modo de falar sobre a migração nordestina no cordel precisa caber nessa estrutura fixa e esse modo faz com que os dizeres circulem de uma maneira cantada, o que produz o efeito lúdico.

Porém, não foi apenas a estrutura do cordel que nos chamou a atenção. Conforme já dissemos, durante a constituição das análises do *corpus*, observamos nos cordéis a presença de uma repetição de assuntos muito discutidos na/pela mídia.

Sobre essa relação entre Literatura de Cordel e mídia, muitos pesquisadores, como Kunz (2001), afirmam que uma das finalidades do folheto é informar, assim como os jornais. Isso é possível dizer a respeito daqueles produzidos no início, na região nordestina, onde a população não tinha muito acesso à informação sobre o que acontecia no Brasil e no resto do mundo<sup>26</sup>. No entanto, a partir da década de 70, os aparelhos de rádio e de televisão se tornaram mais acessíveis à população e a finalidade de informar torna-se menos determinante, porém, o cordelista aproveita(va) o que é/era discutido pela mídia para produzir os seus temas. Dessa maneira, as questões sociais mostradas nos folhetos passam a ter a sua configuração pautada pelo que é apresentado na mídia de massa, veiculada em jornais

---

<sup>26</sup> Dizemos que informar é uma das finalidades do cordel porque este não explora apenas temas que são apresentados na mídia jornalística, há temas fantásticos como o cordel *A moça que bateu na mãe e virou cadela*, de Rodolfo Cavalcante e temas sobre a conduta moral como *A devassidão de hoje em dia*, de Rodolfo Cavalcante e Abadias Soares.



televisivos, por exemplo, configurando sua relação com o senso comum, com o já estabilizado, relação que será explorada no decorrer das análises.

Voltamos para o folheto *O dia em que P.C. Farias infernizou o inferno*, que apresenta um tema que teve grande repercussão na mídia: a morte de P.C. Farias. A narrativa desse cordel mostra alguns atos corruptos praticados por tal político durante sua vida e a sua permanência no inferno. P.C. Farias e os deputados da CPI são personagens desse folheto, assim como o ‘capeta’ também é. Podemos compreender, já de início, que a relação entre política e inferno é estabelecida pela memória na qual o inferno retoma o discurso da Igreja, que diz que este é o lugar de pecadores, de gente de má índole, e pela memória que circula sobre a política brasileira. A mídia, no Brasil, dá ênfase a muitos casos de corrupção, o que torna a relação de sentido entre político e corrupção uma relação dominante, configurando como um discurso estabilizado e que faz parte do senso comum. Esse discurso é reiterado nos versos do folheto em análise, conforme podemos observar no seguinte trecho:

(...)  
*E o Cão disse: “tá certo!  
Levem embora esse sujeito  
Mas mandem de volta a Terra”  
Ele aqui, eu não aceito  
Só vindo lá de Brasília  
Pra ser ladrão desse jeito”.*  
(...)

O cordelista, ao dizer “*Só vindo lá de Brasília/ Pra ser ladrão desse jeito*” enfatiza radicalmente a corrupção, reiterando o estereótipo do político corrupto sustentado por um discurso que circula pela mídia. Compreendemos, dessa forma, uma relação estereotipada de igualdade entre roubar e praticar política.

Essa discursividade fica visível pela reiteração de estereótipos sociais, formulações já cristalizadas sobre uma pessoa, sobre uma profissão, sobre determinados grupos que são repetidos nos versos dos cordéis. O estereótipo do político corrupto é também reiterado em outras partes do folheto, focando agora não apenas em P.C. Farias, mas sim no grupo:

(...)  
*O cão gritou: “Corram logo”  
Abram aquela porta ali  
Naquela caldeira grande  
E me tragam logo aqui  
Quatro ou cinco **deputados**  
Especialista em CPI.*

*Os ajudantes do Cão  
Lhe trouxeram os deputados  
Por serem assim perigosos  
Vieram bem amarrados  
De tanto tempo no fogo  
(...)*

Deputados são qualificados aí como ‘perigosos’ para a sociedade e, como o sentido de perigo está funcionando no deboche, produz-se uma avaliação negativa dos políticos. Esse modo de adjetivar os deputados é uma maneira de reafirmar o estereótipo do político formulado com base no que é apresentado pela mídia: os escândalos em Brasília, as várias denúncias de caixa dois são um perigo para a sociedade. Dessa maneira, o que é dito sobre os políticos do Brasil faz parte de um discurso clichê<sup>27</sup>, que se configura como senso comum e é sustentado por uma memória social sobre os políticos brasileiros.

É interessante pensar sobre o senso comum, pois ele, por parecer banal, merece nossa “desconfiança”. Conforme diz Barthes (1987), desconfiando do senso comum poderemos observar uma crítica social baseada no histórico, no político e, assim, poderemos desconstruí-lo para compreender como se configuram o sujeito e os discursos no meio do comum, do já-dito estabilizado e estereotipado.

Prado Jr. (*apud* LAGAZZI, 1988) apresenta uma acepção sobre o senso comum que o coloca em um lugar de tensão:

[...] o senso comum é o conjunto das opiniões tão geralmente admitidas numa época e num meio dado, que as opiniões contrárias aparecem como aberrações individuais, que será inútil refutar seriamente e das quais é melhor rir, se forem fúteis, mas que será melhor tratar (‘soigner’) se forem graves. (p.30).

Nesse sentido, o senso comum, por ser admitido numa época e num dado meio, é constituído historicamente, mas é naturalizado por um efeito do funcionamento da Ideologia. Lagazzi (1988), citando Geertz (1983), diz que o senso comum coloca os dizeres de maneira literal, sendo apenas aquilo e não outra coisa, ou seja, os sentidos existentes no senso comum não tendem para o deslizamento, para o deslocamento (polissemia) e sim para a estabilidade, para a repetição (paráfrase).

Enunciados apresentados no cordel analisado como ‘*Só vindo de Brasília/ Pra ser ladrão desse jeito*’ podem ser parafraseados por dizeres como ‘todos os políticos são ladrões’;

---

<sup>27</sup> Orlandi (2004b), baseada nos dizeres de Amossy e Pierrot (1997), afirma que os clichês não são apenas definidos como fórmula trivial, mas como expressão fixa, assim repetível cristalizadamente. Assim, dizer que os políticos são ladrões já é uma expressão cristalizada, como pudemos ver por meio de nossas análises.

‘há muitos políticos em Brasília’; ‘Brasília está cheia de ladrões’. Essa estabilidade mostra uma naturalização da relação entre político e corrupção, que é produzida pela configuração do senso comum. Outros folhetos que constituem o nosso *corpus* também são permeados por discursos que fazem parte do senso comum, ao repetirem dizeres já estabilizados socialmente, como veremos nas análises.

A temática da violência urbana é também um assunto muito discutido atualmente. Todos os dias vemos em noticiários casos de bala perdida, polícia invadindo favelas, assaltos, homicídios. O fato de o cordel tratar um tema em voga já nos mostra a relação que os cordelistas têm com uma discursividade que circula no cotidiano de quem mora nos centros urbanos. Observemos o seguinte recorte:

**Trecho do cordel *Meninos de Rua e a chacina da Candelária***

(...)

*No Brasil entorpecido  
Pelo odor infernal  
Que exala do plenário  
Do Congresso Nacional  
O fato mais deprimente  
É tido como normal.*

*Ao permitir um governo  
Paralelo no Estado  
O nosso governador  
Ficou desmoralizado  
Perdendo de dez a zero  
Para o crime organizado.*

*Isto provocou um clima  
De confusão social,  
**Policial é bandido,  
Bandido é policial,  
Deputado é traficante,  
Traficante é marginal.***

*A típica lei do mais forte  
Já foi reinstituída.  
**É a vida por um fio;  
Sem segurança mantida;  
Por um pouco mais ou nada  
Perde o cidadão a vida.***

*Hoje vivemos o momento  
Nunca visto no passado:  
**O errado virou certo,  
O certo virou errado***

*E o Brasil em um mar de lama  
Infelizmente jogado.*

(...)

***Vejam se isto é linguagem  
Que use uma autoridade  
Com a precípua missão  
De manter a integridade,  
A segurança e a ordem  
Da nossa sociedade.***  
(...)

**Trechos do cordel *O cúmulo da violência na literatura de cordel***

(...)

*O Brasil está vivendo  
Em estado de alerta!  
**A sociedade é refém!  
A bandidagem liberta  
A justiça sempre falha,  
A polícia não acerta.***

*Tem gente que acoberta  
As ações dos marginais  
Não há arma nem preparo  
Para os policiais,  
**A negligência é gerada  
Pelas falhas sociais.***

(...)

***As polícias envolvidas  
Com gangues de marginais,  
Aliás, não as polícias,  
Mas os maus policiais.  
Que trabalham sem salários,  
Controle emocionais.***

(...)

***Pois quem joga neste time  
Da violência se afoga  
No mundo da bandidagem,  
É triste aquele que joga  
Seu passe não vale nada  
Sua vida é uma droga.***

*O brasileiro se afoga*

*Nesta guerra desastrada  
A polícia até que luta  
Mas ta desaparelhada  
Os criminosos reagem  
Usando arma pesada.*

*A polícia desarmada,  
Não combate o que é ruim,  
Nunca se deu no Brasil  
Tanta violência assim  
**Ou dão um fim nos bandidos,  
Ou eles nos dão um fim.***

(...)

*Vimos na televisão  
A audácia de um marginal,  
Seqüestrou um coletivo.  
Que teve um triste final,  
Morreu uma das reféns,  
**Numa falha policial.***

*Atirou no marginal  
Acertou na professora  
**um soldado estressado**  
com uma metralhadora  
mostrando que a polícia  
não é mais tão prestadora.*

*Com a morte da professora,  
**Foi a polícia execrada**  
**Uma falha crucial**  
**Por ninguém foi perdoada,**  
Mesmo o bandido morrendo  
A polícia foi superada.*

***Se a polícia está errada**  
**Quem é que está com razão?**  
Os bandidos comemoram  
Pois receberam o perdão  
De entidades que acham  
Que o marginal é cristão.  
(...)*

Iniciamos a análise dos trechos destacando alguns enunciados que são recorrentes em dizeres que circulam na mídia sobre violência urbana. Enunciados como ‘*Policial é bandido/ bandido é policial/ Deputado é traficante/ traficante é marginal*’; ‘*O errado virou certo,/O certo virou o errado*’; ‘*A justiça é falha/ a policia não acerta*’; ‘*As polícias envolvidas com*

*ganges marginais*<sup>28</sup> estabelecem uma relação entre polícia, políticos e criminalidade, e entre justiça e ineficiência. Esta relação é configurada por uma memória social, em que a polícia é vista como corrupta, os políticos também, e a corrupção leva à criminalidade.

Porém, não é apenas esse discurso sobre a polícia e sobre a violência que são narrados nos cordéis. Analisemos os seguintes dizeres do folheto *O cúmulo da violência na literatura de cordel*: ‘ Não há arma/ nem preparo/ para os policiais,/A negligência é gerada/ pelas falhas sociais// (...) // A polícia até que tenta/ mas tá desaparelhada// A polícia desarmada/ Não combate o que é ruim// (...) // um soldado estressado’. É comum ouvirmos que a polícia não recebe um salário digno, que ela não possui equipamentos, que o policial está estressado e sem boas condições de trabalho. Aqui há um outro discurso sobre a violência urbana, o que mostra uma outra voz social sobre este assunto, diferente da compreendida na análise do primeiro folheto. Há aqueles, em nossa sociedade, que culpam a corrupção e a ineficiência da polícia, mas há outros que colocam a culpa da violência urbana na falta de equipamentos e preparo dos policiais. Portanto, em cada um dos folhetos há a sobredeterminação de uma voz social.

Os versos destacados em nossa análise se configuram em paráfrases desses dizeres que circulam pela mídia. Esses cordéis, ao apresentar duas discursividade sobre esse assunto, mostram que há uma polêmica em relação à problemática da violência urbana e que a sociedade está dividida em suas opiniões. E o cordel apresenta essas vozes, reiterando ambos os dizeres que circulam no social, como fazendo parte do senso comum.

E como essa reiteração dos dizeres que circulam na mídia funciona na materialidade poética? Analisando os versos apresentados acima, podemos compreender que há uma narrativa apresentada de forma rápida, devido à estrutura do folheto, que, como já compreendemos, produz um efeito de precisão desses dizeres, que naturaliza a interpretação por parte dos leitores, naturalização esta também pautada pela memória sobre a violência.

A análise dos folhetos *O dia em que P.C. Farias infernizou o inferno*; *Meninos de rua e a Chacina da Candelária* e *O cúmulo da violência em Literatura de Cordel* deram visibilidade à reiteração de discursos que circulam na mídia. Os recortes abaixo, selecionados a partir de folhetos com várias outras temáticas, têm também os seus dizeres pautados pelo que se discute na mídia, o que permite compreender que a repetição não está vinculada à temática, mas sim é um funcionamento constitutivo do cordel.

---

<sup>28</sup> Esses dizeres são veiculados em filmes como *Tropa de Elite 1* e *Tropa de Elite 2*, por exemplo, em noticiários como *Brasil Urgente*, além de estarem indiretamente presentes em notícias jornalísticas que mostram problemas da justiça e corrupção policial.

**Trecho do cordel *A natureza e o homem***

(...)

*Tem dimensão mundial,  
Universal amplitude,  
Pulmão do mundo e saúde  
Da geração atual  
A Amazônia é vital,  
Fonte da vida e beleza  
Portanto em sua defesa  
**É mais do que necessário  
Preservar-se a santuário  
da Nossa mãe Natureza***

***Precisamos com clareza  
e visão objetiva  
a favor da Natureza  
preservando-lhe a riqueza  
livre da poluição  
Coibir a devastação  
Cultivar a fauna e flora  
Mostrar que o problema agora  
Pertence a nossa nação”***

(...)

*Mais de duzentos mil anos?  
Dados exatos não temos  
Do tempo em que aparecemos  
No planeta, nós humanos;  
Prodigiosos arcanos  
Nos deram a luz da razão  
Esta nos deu ambição  
Que o progresso alimenta  
E serve de ferramenta  
Que gera a destruição.*

(...)

***A Terra é nossa morada,  
A Terra é nossa oficina  
Feita pela mão divina  
A dada de mão beijada.  
Deve ser por nós amada  
Como um santuário por  
Ser obra do Criador  
Para suas criaturas,  
Que as gerações futuras  
Lhe dediquem puro amor.***

(...)

*Cabe ao Brasil, certamente,  
Pelas gerações futuras  
Assumir medidas duras  
Em prol do meio ambiente  
Sem deixar, naturalmente,  
Ninguém nos meter a perna,  
Expulsar pressão externa  
Com voz decidida e dura  
E assumindo a postura  
Do país que se governa.*

**Trecho do cordel *A tortura e a moral dos calados***

(...)

*Nos porões da Ditadura  
Não há direitos humanos*

(...)

*Tortura é fratricídio  
De monstros endiabrados*

(...)

**Trecho do cordel *Carta da amiga droga***

(...)

*É difícil uma família  
Pra não já ter enfrentado  
Essa **problemática séria**  
Com um membro viciado  
**Prevenir é o remédio**  
**Exclusão, remédio errado!***

*Abandoná-lo à sorte  
Não faz efeito ou sentido  
**Se não preveniu direito**  
**O caminho a ser seguido**  
**É tratá-lo, acolhê-lo,**  
**Pra não vê-lo mais perdido.***

(...)

***Faço sofrer sua família**  
**Porque você me consome***



Batizam-me todo dia  
Por isso, não tenho nome  
Enfim, sou DROGA, drogando,  
Quando encontro quem me ame.

Não conservo um só amigo  
E sempre serei assim  
**Eu definho, arraso e mato,**  
Quem se aproxima de mim  
Dou impressão de ser boa,  
**Porém, sou mesmo ruim!**

**Se não destroçá-lo inteiro**  
**O deixo sem pensamento**  
Sem cérebro, sem coração,  
Sem amor, sem sentimento  
Sem fé e sem esperança  
E enorme sofrimento.

(...)

Por meio dele, consigo,  
Mergulhar pelo seu sangue  
**Daí o levo a entrar**  
**Ou formar sua própria gangue**  
**Depois sair pra matar,**  
**De revólver ou banque-bangue.**

Injetada em suas veias  
Passeio, **faço misérias,**  
**Pelo seu corpo provoco**  
**Doenças graves e sérias**  
Vou a membros e canais  
Por meio de suas artérias.

(...)

**Do seu cérebro, olhe o quê,**  
**Dele eu irei roubar:**  
**Sabedoria e bondade**  
**Capacidade de amar,**  
**Atenção, fraternidade,**  
**Vontade de trabalhar.**

(...)

A essa altura estás  
Muito desequilibrado  
Pelo efeito maléfico,  
**Deixo desorientado**

***Sem pensar mais no futuro  
Esquecido do passado.***

*Nessa hora saberá  
Realmente quem eu sou,  
Isto é, se não morreu  
Porque sua vida mudou  
Logo após me conhecer  
Tudo nela se estragou.*

(...)

***Estou pronta pra tirar  
Sua paz, sua liberdade  
Sua fé, sua saúde  
Seu prazer, sua vontade  
Dinamismo, eficiência,  
Lazer e tranquilidade***

(...)

**Trecho do cordel *Branco, cuidado: Deus pode ser negro***

(...)

*De modo, que se o mundo  
Hoje amar a verdade  
Acha tal **mancha histórica**  
**Danosa a sociedade**  
**Pérfida, soez e tamanha,**  
Que talvez seja a vergonha  
Pior da humanidade.*

(...)

*Porém, quero me ater  
No tema do negrófilo  
Que por conta do racismo  
Nunca ele viveu tranqüilo,  
Mas, humilhado, agredido,  
Renegado e excluído,  
O negro é sem sigilo!*

(...)

*Assim sendo, para o fato  
Dos negros, eu lhe remeto  
Eles têm sofrido muito  
Numa nação cheia de gueto  
O branco lhe destratou  
Mas nunca se perguntou  
Se Deus pai do céu é preto?*

(...)

*É bom o branco pensar  
E deixar qualquer racismo  
**Preconceito não constrói**  
**É contra o altruísmo**  
E latente à exclusão,  
Embora digam que não  
Extrapolando o cinismo.*

(...)

**Trechos do cordel *Os martírio do nortista viajando para o sul***

(...)

***Hoje o pobre nordestino**  
**Vive quase morto de fome**  
Trabalha pra seu patrão  
Não lucra nem o que come  
Só não se arrisca roubar  
Pra não manchar o seu nome.*

(...)

***Por isto ele sai bem cedo**  
**Pra vê se arranja emprego**  
**Procura tanto coitado**  
**Que perde até o sossego**  
Batendo de porta em porta  
Feito o mais triste morcego.*

*Chega de noite cansado  
Pois andou o dia inteiro  
Desenganado porque  
**Não pode arranjar dinheiro**  
**Chama a mulher e diz**  
**Vou para o Rio de Janeiro.***

*A mulher diz se tu fores  
Vai tudo morrer de fome  
Pois você estando em casa  
Um dia outro não se come  
E se você viajar  
Aí sim tudo se some.*

*Diz o pobre: não mulher  
**Eu no Rio de Janeiro**  
**Arranjo logo um serviço***

*De servente de pedreiro  
E com um mês Deus querendo  
Eu te mandarei dinheiro.*

(...)

**Trecho do cordel *O que faz um nordestino em São Paulo***

(...)  
*Paulista os chamam caipira  
Porém nenhum se aborrece  
Escuta, faz que não ouve  
E o seu amor oferece  
Ao trabalho com afã  
Na cidade que mais cresce  
Exaltação ao trabalho*

(...)

***O Nordeste é um guerreiro***  
*De grande disposição  
Povo forte que merece  
Receber de galardão  
Desta cidade que acho  
Ser orgulho da nação*

***O nordestino não dorme***  
***Lutam com bem serventia***  
***Trabalham incansavelmente***  
*Pelo pão de cada dia  
Com nordestino, a São Paulo  
Terá maior garantia.*

(...)

***No metrô um novo trem***  
***Quem anda debaixo do chão***  
***Precisou de nordestinos***  
***Pra fazer escavação***  
*Se fosse esperar os paulistas  
Não se tinha esse trenzão.*

(...)

***Nortista aqui construiu***  
***Coisas bem interessantes***  
***Prédios, metrô, viadutos***  
***Rodovia dos imigrantes***  
*Que vence a serra do mar*

*E demais coisas importantes.*

(...)

*Difícilmente o sulista  
pega serviço pesado  
só nordestino enfrenta  
enxada, foice, machado  
picareta, enxó, marreta  
é em tudo dar resultado.*

(...)

*Portanto abraçam a luta  
Sem ter nenhum desengano  
Muitos melhoram de vida  
Outros entram pelo cano  
O mais vivo é mais esperto  
Torna-se um novo baiano.*

(...)

Os folhetos apresentados exploram temas como a preservação da natureza, tortura na época da Ditadura militar, uso das drogas, preconceito e migração nordestina. A análise destes recortes nos permite compreender também o modo como o social é formulado e (se) significa no cordel.

No folheto *A natureza e o homem* há versos como ‘É necessário salvar a natureza’; ‘É necessário preservar a natureza’; ‘É necessário coibir a poluição’; ‘A Terra é a nossa morada, portanto devemos cuidar dela’; ‘O progresso alimenta e serve de ferramenta para a destruição’; ‘Cabe ao Brasil tomar medidas duras em prol do meio ambiente pelas gerações futuras’. Estes enunciados fazem parte de um discurso de preservação da natureza já cristalizado pela mídia, e muitas dessas afirmações configuram clichês, o que os torna parte do senso comum e sustentado pela memória que há sobre o meio ambiente.

No folheto *Tortura e a moral dos calados*, há uma relação estabelecida entre Ditadura, falta de direitos humanos e tortura. Esses sentidos são pautados por dizeres que circulam na mídia atual sobre o que acontecia nos “porões” da Ditadura Militar, e são reiterados no cordel. Atualmente, é possível ver em documentários como *15 filhos* (1996), de Marta Nehring e Maria de Oliveira, em filmes como *O ano em que meus pais saíram de férias*, lançado em 2006 e também em livros de história, livros didáticos que circulam nas escolas, a formulação de um discurso que relaciona fortemente Ditadura à tortura, o que nos mostra que o que é repetido no cordel também o é em outros espaços discursivos.

No folheto *Carta da amiga droga*, enunciados como *‘Faço sofrer sua família/ porque você me consome’*; *‘Porém, sou mesmo ruim’* *‘Se não destroçá-lo inteiro/ O deixo sem pensamento’*; *‘Daí o levo a entrar/ Ou formar sua própria gangue/ Depois sair para matar,/ De revolver ou banguê-banguê’*; *‘Injetado em suas veias/ passeio, faço misérias,/ pelo seu corpo provoco/ doenças graves e sérias’*; *‘Do seu cérebro, olhe o quê,/ Dele irei roubar:/ sabedoria e bondade/ capacidade de amar,/ atenção, fraternidade/ vontade de trabalhar’*; *‘Deixo desorientado/ Sem pensar mais no futuro/ Esquecido do passado’*, *‘Depois que sua vida mudou/ Logo após me conhecer/ Tudo nele se estragou’*; *‘Estou pronta pra tirar/ Sua paz, sua liberdade/ sua fé, sua saúde/ seu prazer/ sua vontade/ dinamismo, eficiência/ lazer e tranqüilidade’* podem ser parafraseados por dizeres como *‘As drogas destroem famílias’*; *‘As drogas levam para o caminho do crime’*, *‘As drogas provocam problemas psicológicos e físicos’*. Por meio da paráfrase, compreendemos que há apenas o discurso contra o uso das drogas, que é repetido neste cordel por estabelecer uma relação entre droga e destruição, droga e criminalidade, droga e violência, relação esta que sobrepõe o discurso contra as drogas aos outros possíveis, como o da legalização da maconha. O que é repetido no cordel circula na mídia em propagandas contra o uso das drogas, em novelas que mostram a vida de uma personagem estragada por esse problema. Essa repetição configura o estereótipo social que há sobre as drogas, o que as naturaliza como algo sempre ruim e relacionado à violência.

Os recortes dos cordéis cuja temática é a migração nordestina dão visibilidade a dois discursos diferentes. O folheto *Os martírios do nortista viajando para o Sul*, como o próprio título já diz, trata das dificuldades que os migrantes nordestinos enfrentam ao chegar ao Sudeste em busca de emprego. O outro, *O que faz um nortista em São Paulo*, narra a importância dos nordestinos para a construção civil da grande metrópole que tal cidade é atualmente.

Enunciados como *‘Desempregado porque/ não pode arranjar dinheiro/ chama a mulher e diz/ vou para o Rio de Janeiro// (...) // Eu no Rio de Janeiro/ arranjo logo um serviço/ (...) / E com um mês Deus querendo/ Eu te mandarei dinheiro// (...) // Pede serviços nas obras (...)’* presentes no primeiro folheto e *‘O nordestino é um guerreiro // povo forte que merece/ receber de galdão// (...) // O nordestino não dorme/ lutam com bem serventia/ trabalham incansavelmente/ pelo pão de cada dia// (...) // no metrô um novo trem/ quem anda debaixo do chão/ precisou de nordestinos/ pra fazer escavação// (...) // Nortista aqui construiu coisas bem interessantes/ prédios, metrô viadutos/ rodovia dos imigrantes ...// (...) // só nordestino enfrenta/ enxada, foice, machado/ picareta, enxó, marreta/ é em tudo dar resultado// (...) // portanto abraçam a luta/ sem ter nenhum desengano’* presentes no segundo

folheto remetem a uma relação entre trabalho/ migração nordestina/ expectativa de vida/ sudeste, relação esta estabelecida pela palavra *trabalho* ou de outras, que indiretamente estão ligadas a uma relação com o trabalho, como *salário, machado, picareta, marreta, enxada, enxó, foice e lutar pelo pão de cada dia*.

Apesar de existirem duas discursividades sobre a migração nordestina, há a repetição de dizeres que circulam na mídia que relaciona o migrante à busca por trabalho e melhores condições de vida em outros lugares, principalmente o sudeste. A voz social reiterada no folheto é, portanto, a formulada por dizeres da mídia, possível de ser vista em programas como *O programa do Gugu; Globo Repórter* (quando a pauta é sobre a migração), que formulam o estereótipo do migrante nordestino.

O cordel *Branco, cuidado: Deus pode ser negro* reitera um discurso contra o racismo, veiculado pela mídia na qual há diversos dizeres que incentivam o combate ao racismo. Palavras como *‘pérfida’*; *‘soez’* ou enunciados como *‘a vergonha pior da humanidade’* configuram um sentido negativo ao preconceito, já naturalizado em nossa sociedade. Desse modo, há uma discursividade, na qual há um discurso que se sobrepõe aos outros em relação ao racismo. É muito comum vermos comentários contra as ações dos *skinhead* ou da prisão de alguém que cometeu um ato de racismo, sendo este considerado um ato imoral. Outros versos que destacamos como reiteração do discurso contra o racismo são *‘Preconceito não constrói/É contra o altruísmo’*, que muitas vezes podem ser considerados como clichês a respeito desse tema.

Todos esses folhetos, assim como os cordéis cuja temática era a violência urbana e corrupção na política, repetem uma voz social que circula pela mídia, voz esta que se sobrepõe às outras e, por meio da sua repetição, conforme já dissemos, produz um efeito de naturalização, de consenso em relação aos discursos que circulam no social, significando esses dizeres como sendo senso comum. Nesse sentido, podemos compreender que o cordel recorta discursos que circulam na sociedade, configurando-se como um espaço em que há a sobredeterminação de uma voz social. Em nossas análises, pudemos ver que essa voz é aquela que divulga a necessidade da preservação da natureza, que desaprova o uso das drogas, que é contra o racismo, que relaciona trabalho com migração nordestina e o regime militar à tortura, significando, assim, o social que circula no folheto. Social este que é apresentado apenas por uma voz social, apagando outras dentre tantas que há na sociedade.

A voz social que ecoa no cordel circula em uma materialidade poética que também significa no funcionamento da naturalização dos dizeres pelo efeito de precisão proporcionado pela estrutura do cordel, como nossas análises já mostraram. Desse modo, o folheto reitera e

naturaliza a discursividade que há sobre as drogas, sobre a tortura, sobre a migração nordestina, sobre a preservação do meio ambiente, sobre o racismo, produzindo um efeito de unidade aos discursos que circulam no meio social, dando-nos a ideia de que há apenas um discurso que circula sobre esses temas.

No *corpus* deste trabalho, há três folhetos cujas temáticas são polêmicas. Foram justamente esses temas que permitiram a compreensão de outras vozes sociais reiteradas no cordel, além da voz da mídia. Observemos, primeiramente, os recortes do folheto *O divórcio no Brasil* e em seguida os excertos dos cordéis *A maneira da mulher não ter filhos* e *O valor da reforma agrária e a missão da terra*.

(...)

*Nessa grande discussão  
Nada ficou decidido  
Faltaram sessenta e cinco  
Cada qual do mais sabido  
**Tem político que anda às pressas  
Porém numa hora dessas  
Se cala e fica escondido***

*Um faz que não dá ouvido  
Com **medo da confusão**  
Dizendo: eu vou me calar  
Não vou entrar na questão  
Vou usar de artimanha  
Senão na próxima campanha  
Eu perco a minha eleição*

*Deputado do sertão  
Que agora é que está crescendo  
Tem medo de melindrar  
Alguém que lhe está querendo  
Passando a ser reeleito  
Pensa mais no próximo pleito  
Do que no que está fazendo*

*Outro fica só dizendo:  
Eu sou coluna do meio  
**Nem sou carne nem sou peixe  
Nem sou vazio nem sou cheio  
Não vou entrar no fuchico  
Quem fica assim como eu fico  
Nem é bonito e nem feio***

*Cada político é um esteio  
Seja na guerra ou no amor  
Tem que lutar decidido*



*Para mostrar o seu valor  
Senador e Deputado  
Cada um está obrigado  
Ser contra ou ser a favor*

*O nosso superior  
O chefe da presidência  
Falou para os deputados  
Com altivez e prudência  
Que a votação se afirmasse  
Porém cada um votasse  
De acorde a sua consciência*

*Alguém falou na assistência  
**Dos filhos abandonados**  
Qual seria a atitude  
Depois dos pais descasados  
Aí é onde merece  
Precaução, cuidado e prece  
De todos os deputados  
(...)*

A lei que permite o divórcio foi aprovada em 1977<sup>29</sup>, possibilitando que tanto homens quanto mulheres se casassem mais de uma vez. A polêmica a respeito desse assunto no período da votação para a sua aprovação pode ser compreendida a partir dos seguintes enunciados: *‘Nem sou carne nem sou peixe/ nem sou vazio nem sou cheio (...)/ nem é bonito e nem feio’*. A conjunção *‘nem’* produz um efeito de dúvida em relação à posição que os políticos pretendiam adotar em relação à lei do divórcio, mostrando que havia opiniões diversas sobre a aprovação de tal lei no Brasil. Os enunciados *‘se cala e fica escondido’* e *‘com medo da confusão’* dão visibilidade também a polêmica que existia na época, sendo esta formulada na contraposição entre o discurso que circula na Igreja e na Família, que são contra o divórcio, e o do Estado, que tentava aprovar essa lei.

Apesar de haver estas duas vozes no cordel, a que se sobrepõe, nessa polêmica, é a voz da Igreja e a da Família, como podemos observar pela presença dos seguintes versos: *Alguém falou na assistência/Dos filhos abandonados/Qual seria a atitude/Depois dos pais descasados*. Ao adjetivar filhos de abandonados, no cordel, há o estabelecimento de uma relação entre divórcio e filhos abandonados, que é sustentada pela moral que circula nos folhetos.

---

<sup>29</sup> Informação obtida no site <http://www.administradores.com.br/informe-se/cotidiano/pec-do-divorcio-vai-acabar-com-desgaste-entre-casais-diz-especialista/35454/>, consultado em 26/08/2010.

Esse funcionamento também fica visível nos versos do cordel *A maneira da mulher não ter filho*, publicado em 1973:

(...)

**Muitas mulheres casadas**  
*Devido à situação*  
*De como a vida está cara*  
**Não querem com bem razão**  
**Todo ano dar a luz...**  
**Pois é uma pesada cruz**  
**Sem ter alimentação!**

*Enquanto as pobres reclamam*  
*Por real necessidade*  
*As granfinas tomam pílulas*  
*Somente por vaidade*  
*Recorrem até o aborto*  
*Para o filho nascer morto,*  
*Mas não perdem a mocidade!*

(...)

**Evitar a concepção**  
*Pode o leitor concluir:*  
**É concreta aberração**  
*Quem a isso permitir!...*  
*Se o fogo deve queimar*  
*E a água corre para o mar...*  
*Tudo deve progredir!*

(...)

Os versos ‘*Não querem com bem razão/ todo ano dar a luz*’ e ‘*Tem razão outras mulheres/ hoje os filhos evitarem*’ contrapostos com os versos ‘*Não tem a menor noção/ Dela não querer gerar/ Um filho para aumentar/ A nossa população*’ e ‘*Evitar a concepção/ Pode o leitor concluir/ é concreta aberração*’ dão visibilidade a uma relação de oposição entre ‘razão’ e ‘*não tem a menor noção*’ e ‘*concreta aberração*’. Essa oposição mostra uma polêmica que circulava na época em que os métodos anticoncepcionais começaram a se tornar mais populares, assim como no folheto cuja temática era o divórcio, sendo tal polêmica também reiterada nos versos desse cordel. Em ambos, podemos compreender a reiteração da moral que circula no discurso da Igreja e da Família, pela repetição dessas vozes sociais.

E por eles apresentarem essas duas vozes, dois discursos, compreendemos que a sociedade está dividida em suas opiniões, divisão que também pudemos ver nos folhetos sobre violência urbana e que, apresentada no cordel pelo poético, tem seus sentidos naturalizados, significando-os como senso comum, como o que já está estabilizado sobre o divórcio e sobre os métodos anticoncepcionais. Porém, essa polêmica não desestabiliza a voz dominante que fala no cordel, seja ela a da mídia, a da Igreja ou a da Família, mostrando-nos que essa polêmica fazia parte da mudança de valores sociais que estava ocorrendo na época da aprovação da lei do divórcio e da popularização dos métodos anticoncepcionais.

O outro folheto que nos chamou a atenção pela polêmica foi *O valor da reforma agrária e a missão da terra*:

**Trecho do cordel *O valor da reforma agrária e a missão da Terra***

(...)

*Senhores vou escrever  
Uma coisa necessária  
Que até aqui tem sido  
Coisa extraordinária  
**O povo todo analisa**  
**Que nosso Brasil precisa**  
**De uma reforma agrária***

*Desde o tempo de Getúlio  
Que foi criado esse tema  
E todos os presidentes  
Acham que é um dilema  
Ainda não teve um  
Que chamasse por ogum  
E resolvesse o problema*

(...)

Este cordel apresenta, em seus versos, a necessidade da reforma agrária no Brasil, pedindo ao governante, na época, Fernando Henrique Cardoso, que tomasse alguma atitude em prol dos sem terra. Destacamos a palavra *povo* deste folheto que nos chamou muito a atenção. Ao ler a narrativa, perguntamo-nos quem é esse povo. Seria os sem terra? Quem está excluído do povo?

Os versos '*O povo todo analisa/que o nosso Brasil precisa/ de uma reforma agrária*' mostram uma unidade de povo formulada pelo enunciado *o povo todo*. Mas será que o povo todo realmente acha que o Brasil precisa de uma reforma agrária? Recortamos esse sentido de *povo* e relacionamos aos que são a favor da reforma agrária, ou seja, os sem terra, os ativistas,

os que vêm os problemas causados pelos latifundiários. Embora seja esta uma temática social de conflito, é interessante a naturalização e a homogeneização de povo, que encontramos no discurso de políticos, nos dizeres da mídia, sendo reiterados no cordel. Isso nos mostra que, apesar do folheto apresentar o problema da reforma agrária, pondo em questão a relação entre os latifundiários e os sem-terra, não se configura uma discussão no cordel, mesmo sendo esta uma questão social tão delicada para o Brasil. Essa homogeneização da voz do povo é um modo de se apagar a discussão, de silenciar o conflito e a tensão por meio da configuração da voz de uma unidade.

Esses três últimos folhetos cujos temas são polêmicos possibilitaram-nos compreender a reiteração de uma voz que legitima certos valores sociais, seja ela atravessada pela voz da mídia, da Igreja ou da Família. Essa voz é legitimada socialmente como a da sociedade dominante que considera determinados valores e não outros. Nesse processo de legitimação de valores, apagam-se conflitos e tensões, absorvidos no interior dessa voz dominante, o que acarreta o apagamento do social na discursividade do cordel.

### 3. 2 A temática política nos cordéis: o social, a política e o político

Durante nossas leituras para a constituição do *corpus*, deparamo-nos com diversos cordéis que narravam em seus versos figuras públicas relevantes para o cenário político da época em que tais folhetos foram produzidos. Há, em nosso *corpus*, livretos que falam sobre o presidente Getúlio Vargas<sup>30</sup>, sobre Médici, Castelo Branco, Lula, entre outros. Todos personagens que tiveram ou têm grande repercussão na mídia.

Os títulos dos folhetos são um pequeno resumo do que será narrado em seus versos, além de ser um chamariz para a comercialização. Tomando para análise os cordéis que falam de política por meio de pessoas públicas ou dos seus atos, observamos que os nomes de tais figuras já se apresentam no título do folheto, mostrando-nos como elas serão importantes ao longo da narração. Seguem abaixo os cordéis que selecionamos para análise:

- *A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento*, de Rodolfo Coelho Cavalcante;
- *O testamento de Getúlio*, de Cuíca de Santo Amaro;

---

<sup>30</sup> Existem muitos folhetos que trazem como tema histórias sobre Getúlio Vargas. Esse tema é tão recorrente que é considerado como um ciclo temático da Literatura de Cordel. Ver: [www.overmundo.com.br/overblog/cordel](http://www.overmundo.com.br/overblog/cordel).

- *A volta de **Jânio Quadros** (A esperança do povo)*, de Joaquim Batista de Sena;
- ***Lula**, de metalúrgico a presidente: o operário que virou presidente*, de Pedro Costa, publicado em 2002;
- *A história da Transamazônica e a Vitória do **Presidente Médici***, de João Carneiro Filho;
- *A lamentável morte do ex-presidente **Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco***, de Expedito Sebastião;
- *A trágica morte do ex-presidente **Marechal Arthur Costa e Silva***, de Erodildes Miranda dos Santos;
- *O governo do **presidente Médici** e os agradecimentos dos trabalhadores do Brasil*, de Minelvino Francisco Silva.

Após lermos os folhetos apresentados acima, um primeiro aspecto no discurso do cordel que nos chamou a atenção foram os dizeres que relacionam diretamente os atos políticos aos presidentes, configurando-se como regularidade na significação da política no cordel. Seguem abaixo recortes dos folhetos *A história da Transamazônica e Vitória do Presidente Médici*; *A aposentadoria do homem do campo*; *A lamentável morte do ex-presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco*; *A trágica morte do ex-presidente Arthur Costa e Silva*; *O governo do presidente Médici e os agradecimentos dos trabalhadores do Brasil*; *O testamento de Getúlio*; *A volta de Jânio Quadros (A esperança do povo)*; *Lula, de metalúrgico a presidente: o operário que virou presidente*.

#### **Trecho do cordel *A história da Transamazônica e Vitória do Presidente Médici***

(...)

*Porque sou brasileiro  
Dou valor ao Brasil  
Vamos honrar nossa pátria  
Deixando riquezas mil  
**Como o Presidente Médici**  
**Grande homem varonil***

*Pois o **Presidente Médici**,  
**Deseja realizar**  
Os projetos anteriores  
Que outros tiveram a criar  
Já vem de Castelo Branco  
Grande figura exemplar*

*Castelo foi baluarte  
Dentro das forças armadas  
E quando foi presidente  
Mostrou as suas faixadas  
Morreu mais deixou as leis  
Pra serem imortalizadas*

*Então entra Costa e Silva  
Como deste sucessor  
Prosseguindo seus projetos  
Como já sabe o leitor  
Morreu assumiu **Médici**  
**Grande homem de valor***

*Pois o presidente Médici  
Que passa a continuar  
**Lembrou se do Amazonas**  
**E trata de explorar**  
**Construindo Estradas e cidades**  
Para o Brasil melhorar*

*Este homem é **baluarte**  
E **destemido** também  
Pois vendo que o Amazonas  
Por não morar quase ninguém  
Uma riqueza abandonada  
De um valor muito além*

(...)

#### **Trecho do cordel A aposentadoria do homem do campo**

(...)

*Vivia o homem do campo  
Sem pequena proteção  
**Mas aposentadoria**  
**Já chegou em sua mão**  
**Pelo Presidente Médici**  
**Nosso chefe da nação.***

***O grande General Médici**  
Governo Nacional  
**Um governo dos governos**  
**Um coração sem igual**  
**Deu aposentadoria**  
Ao Trabalhador Rural*

(...)

*Vivia o homem do campo  
Sem pequena proteção  
Pela lei complementar  
Tem os direitos na mão  
**Agradecemos a Deus  
E ao chefe da nação***

(...)

*Veja que o homem do campo  
Desamparado vivia  
Os direitos que lhe assiste  
Antes nenhum existia  
**Nosso Presidente Médici  
Foi quem nos deu garantia.***

*Coragem, fé e trabalho  
Paz, amor e consciência  
**O nosso general Médici  
Governo de competência  
Deu ao Brasil o segundo  
Grito de independência.***

*Leitor guarde este folheto  
Não empreste ele a ninguém  
Porque o homem do campo  
Em qualquer dúvida convém  
Ler novamente e saber  
O direito que ele têm.*

(...)

**Trecho do cordel *A lamentável morte do e-x-presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco***

(...)

*E governou a nação  
Conforme o seu ideal  
**Retirando** a nossa pátria  
Do imundo lodaçal  
Tanto que quando entregou  
A presidência, **deixou  
O Brasil quase normal***

***Demonstrou no seu governo  
O seu coração honesto  
Se num ato **agia sério**  
Mas noutro **era modesto*****

*Ó tinha para consigo  
Como maior inimigo  
O comunismo funesto*

*Nos longos 36 meses  
Que ao Brasil governou  
Foi um **batalhador forte**  
Que **com coragem enfrentou**  
**O terror do desonesto**  
Mas do seu **caminho honesto**  
Nunca um passo recuou*

(...)

**Trecho do cordel *A trágica morte do ex-presidente Marechal Arthur Costa e Silva***

(...)

*Os países aliados  
Sentiram a mesma dor  
Porque o **ex-presidente**  
**Foi um grande lutador**  
Que governou o Brasil  
Com carinho e com amor*

*O cemitério estava  
Superlotado de gente  
Todo povo contristado  
Pelo fato comovente  
Sentindo a grande perda  
Do **ilustre presidente***

(...)

*E assim o país perde  
Mais **um filho esforçado**  
**Que lutou pelo Brasil**  
Com amor e com cuidado  
**Para não ver o seu povo**  
**Da liberdade privado***

*Foi **um grande presidente**  
Não desfazendo os demais  
**Lutava pelo progresso**  
**Liberdade amor e paz**  
Morrendo foi se unir  
Lá com outros marechais*

(...)



**Trecho do cordel *O governo do presidente Médici e os agradecimentos dos trabalhadores do Brasil***

*Senhores prestem atenção  
Que agora vou falar  
No homem que Deus mandou  
Para o Brasil governar  
E proteger a pobreza  
Fazendo toda defesa  
De fazer admirar*

***Emílio Garrastazu  
É o nosso presidente  
Que veio mandado por Deus  
Pra lutar de frente a frente  
Trazendo a paz ao Brasil  
Pra militar e civil  
E toda classe de gente***

*O seu governo todinho  
Foi um governo de paz  
Não teve revolução  
Foi calmo de mais a mais  
**Lutou ao lado dos pobres  
E não desprezou os nobres  
Como um homem santo faz***

*O trabalhador rural  
Antes dele padecia  
Enquanto tivesse são  
O fazendeiro queria  
Se adoecesse, na hora  
Mandava logo ir embora  
Amingua o pobre morria*

*Mas o presidente **Médici**  
**Criou** logo o FUNRURAL  
Se o operário adoecer  
Seja de qualquer um mal  
Não pode ser desprezado  
Levam com todo cuidado  
Entrega no hospital*

(...)

***Mas o presidente Médice***  
*Inspirado por um guia  
Do alto do firmamento  
Se lembrou um santo dia*

*Do velho batalhador  
Por ordem do criador  
**Deu aposentadoria***

*Foi a maior **caridade**  
Que fez esse General  
A todos esse velhinhos  
De nossa terra natal  
Deus que seja dele o guia  
Pra recompensar um dia  
No reino celestial*

(...)

*Mas o presidente Médici  
**Conheceu toda massada**  
No preço do boi em pé  
**Deu uma forte trancada**  
**Dando uma chance a pobreza**  
Ter carne na sua mesa  
Salvando dessa embrulhada*

*agora chegou o tempo  
dele o governo entregar  
escolheu um candidato  
capaz para governar  
nosso querido Brasil  
de tantas belezas mil  
de fazer admirar*

*general Ernesto Geisel  
esse foi o agraciado  
pelo presidente Médice  
a muito tempo apontado  
da ARENA pra saber  
se o congresso vai o eleger  
pra ser mais acreditado*

(...)

*E o presidente Médici  
**Que lutou de dia a dia**  
**Ao lado do povo humilde**  
Todos lhe tem simpatia  
Conforme diz Erotildes:  
Pelos gostos dos humildes  
Ele de lá não saia*

***Senhor presidente Médici**  
**aceite o muito agradecido***

*do trabalhador rural  
por estar sempre ao seu lado  
não fosse vossa excelência  
com a vossa consciência  
era o pobre abandonado*

*senhor presidente Médici  
aceite o **agradecimento**  
dos velhos aposentados  
tirados do sofrimento  
se não fosse vossa ajuda  
seria um Deus nos acuda  
o maior padecimento*

*senhor presidente Médici  
vem também **agradecer**  
as empregadas domésticas  
que vieste socorrer  
com a aposentadoria  
pois isto bem merecia  
salvando seu padecer.*

***Senhor Presidente Médici**  
**Toda pobreza em geral**  
**Agradece o benefício**  
Em nossa terra natal  
Baixando a carne do gado  
Que estava como um machado  
Abatendo o pessoal*

***E ao novo presidente**  
**De nossa bela Nação**  
**Faço aqui o meu pedido**  
**Com bastante precisão**  
**Também queira aposentar**  
**O poeta popular**  
Que está sem proteção*

*O meu irmão jornalista  
Já foi beneficiado  
Com trinta anos de arte  
Pode ser aposentado  
Está faltando o trovador  
Que também é escritor  
Em nosso país amado*

*O trovador popular  
Leva a vida a escrever  
Toda e qualquer novidade  
Para todo povo ler*

*Só defendendo o civismo  
E contra o analfabetismo  
Luta ele até morrer.*

(...)

**Trecho do cordel *O testamento de Getúlio Vargas***

(...)

***O Grande Getúlio Vargas  
Brasileiro cem por cento  
Antes de morrer  
Cumpru o seu juramento  
Deixando por seus herdeiros  
Um riquíssimo testamento.***

(...)

***Deixo ao povo Brasileiro  
Os quais me tinham amizade  
Elas!... as Leis Trabalhistas  
Para a sua liberdade  
Deixo ela para o povo  
Antes de ir pra a eternidade.***

***Deixo a todo trabalhador  
Igualdade de condições  
Isto é ... o direito  
Que também tem os patrões  
E o Ministério do Trabalho  
Pra castigar os Tubarões.***

(...)

**Trecho do cordel *A volta de Jânio Quadros (A esperança do povo)***

(...)

***Vendo que o senhor Jânio  
Ia formar um congresso  
Contra os ladrões do Brasil  
Que lutam contra o progresso  
E para cada um dissoluto  
Ia lavrar o progresso***

***Ia também processar  
Os grandes contrabandistas  
Formou a lei ante-truste***

*Para os grandes vigaristas  
Os norte-americanos  
Que agem como turistas*

(...)

***decretou para o Brasil  
a grande reforma agrária**  
que entre todas as leis  
foi esta a mais necessária  
libertar a nossa terra  
para a classe proletária*

***decretou também fazer  
no Brasil as transações  
de indústria e de comércio**  
ligando todas as noções  
com os países do mundo  
fazer negociações*

***projetou em poucos tempos  
nesta linha em diretriz  
pagar aos estrangeiros**  
todos débitos do país  
para que o nosso povo  
vivesse em paz e feliz*

***e muitos outros projetos  
que o nosso ex- presidente  
enviou para o senado  
em benefício da gente  
querendo erguer nossa pátria  
este Brasil penitente***

(...)

**Trecho do cordel *Lula, de metalúrgico a presidente: o operário que virou presidente***

(...)

*Na prova da consciência  
O povo passou no teste  
Votou num ex operário  
Pernambucano do Agreste  
Vamos **esperar que ele acabe**  
**Com a fome no Nordeste***

(...)

*O povo espera de Lula  
Progresso para os estados  
Que o governo respeite  
Os velhos aposentados  
Trabalhadores não podem  
Serem marginalizados.*

*O povo espera de Lula  
Reconstruir o país  
Fazer a reforma agrária  
Como o estatuto diz:  
Geração de emprego e renda  
Fazer o povo feliz.*

*O povo espera de Lula  
Ações boas e virtude  
Respeito aos nossos decanos  
Estudo pra juventude  
Que o dinheiro do SUS  
Apareça na saúde.*

*O povo espera de Lula  
E todo seu ministério  
Um governo competente  
Que tenha regra e critério  
Que é para todos sentirem  
O Brasil levado a sério.*

(...)

Destacamos como um lugar interessante de análise em nossos recortes a estruturação sintática sujeito (presidente) e predicado (relacionado aos atos dos presidentes). Os verbos e expressões verbais ‘*deseja realizar*’, ‘*lembrou*’, ‘*construindo estradas e cidades*’<sup>31</sup>; ‘*foi quem nos deu garantia*’, ‘*deu ao Brasil o segundo grito de independência*’, ‘*deu aposentadoria*’<sup>32</sup>; ‘*que veio lutar de frente a frente*’; ‘*lutou ao lado dos pobres/ e não desprezou os nobres*’ ‘*criou logo o FUNRURAL*’; ‘*deu aposentadoria*’, ‘*deu uma forte trancada/ dando uma chance à pobreza/ ter carne em sua mesa*’<sup>33</sup> têm como sujeito o ex-presidente militar Médici<sup>34</sup>. Castelo Branco<sup>35</sup> é sujeito de ‘*mostrou suas faixadas*’; ‘*deixou as leis/prá serem imortalizadas*’<sup>36</sup>; ‘*governou a nação/conforme o seu ideal*’; ‘*deixou o Brasil quase normal*’<sup>37</sup>.

<sup>31</sup> Recortes do cordel *A história da Transamazônica e Vitória do Presidente Médici*.

<sup>32</sup> Recortes do cordel *A aposentadoria do homem do campo*.

<sup>33</sup> Recortes do cordel *O governo do presidente Médici e os agradecimentos dos trabalhadores do Brasil*.

<sup>34</sup> Médici foi um dos presidentes da época do regime militar. Ele governou de 1969 a 1974.

<sup>35</sup> Castelo Branco foi o primeiro presidente do regime militar, instaurado pelo golpe de 64.

<sup>36</sup> Recortes do cordel *A história da Transamazônica e Vitória do Presidente Médici*.

<sup>37</sup> Recortes do cordel *A lamentável morte do ex-presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco*.

Os verbos e expressões verbais *‘retirando a nossa pátria/ do imundo lamaçal’*; *‘demonstrou no seu governo (...) que com coragem enfrentou/ o terror do desonesto’*. *‘Lutou pelo Brasil’* e *‘lutava pelo progresso’* são predicados dos quais o sujeito é o ex-presidente militar Costa e Silva. Getúlio Vargas é sujeito de *‘Cumpriu o seu juramento’*; *‘deixo ao povo brasileiro as leis trabalhistas’*, *‘deixo a todo trabalhador/ igualdade de condições’*. Jânio Quadros<sup>38</sup> é sujeito de *‘ia formar um congresso contra os ladrões do Brasil’*; *‘ ia também processar os grandes contrabandistas’*; *‘ decretou’*; *‘projetou’*; *‘formou também a lei anti-truste’* e Lula é sujeito de *‘acabe com a fome no nordeste’*, que remete a Lula a atitude de acabar com a fome no nordeste. Além dessa construção sintática sujeito (a figura política) e predicado (os atos), observamos no folheto sobre Lula outra construção sintática: *o povo espera de Lula*. Nesse enunciado, Lula é objeto indireto de esperar e o povo é o sujeito de tal sentença. Dessa forma, *o povo* tem esperança de que Lula tomará uma atitude e não o governo como um todo: *‘o povo espera de Lula reconstruir o país’*; *‘espera ações de Lula/ ações e boas virtudes’*.

As construções observadas acima permitiram compreender que não se fala, desse modo, da política e dos atos políticos por meio de um discurso que inclui todo o governo, mas fala-se a partir de uma figura, de uma pessoa, que é geralmente o presidente. Assim, sendo os presidentes os sujeitos das orações, apaga-se o político, pois dá enfoque à pessoa e não ao governo. Essa maneira de retratar a política nos permite compreender que não é da política como parte das relações sociais que se fala nos folhetos, mas sim sobre as figuras públicas desses presidentes, o que constitui, assim, uma personificação da política. É relevante dizer aqui que tal modo de se referir à política não aparece apenas nos cordéis. Ele é um modo produzido pelo próprio regime presidencialista no Brasil, como podemos ver em discursos atuais sobre os políticos: Lula criou o programa bolsa família, Fernando Henrique Cardoso criou o plano real. Nesse sentido, o cordel retoma esse discurso, assim como a mídia, os livros didáticos de história e de geografia e a população quando falam sobre assuntos políticos, e é nessa discursividade que há o apagamento do político.

Além do funcionamento das construções sintáticas já analisadas, observamos também nos folhetos que apresentam os presidentes da época da Ditadura Militar, a configuração de um discurso que, pelas qualificações, produz um efeito de glorificação dessas figuras públicas. Dizeres como *‘grande figura exemplar’* e *‘baluarte’*; *‘um governo dos governos’*; *‘um coração sem igual’*; *‘um governo de competência’* qualificam a figura de Médici, assim

---

<sup>38</sup> Jânio Quadros foi eleito e assumiu a presidência da república em janeiro de 1961 e renunciou ao cargo em agosto de 1961, alegando que forças ocultas o obrigaram. Jânio foi eleito com 5, 6 milhões de votos, ou seja, a maior votação obtida, até então, no Brasil.

como os enunciados ‘*grande figura varonil*’, ‘*destemido*’ e ‘*grande homem de valor*’; ‘*batalhador forte*’; ‘*com coragem*’; ‘*caminho honesto*’; ‘*grande lutador*’; ‘*ilustre presidente*’; ‘*um filho esforçado*’ e ‘*um grande presidente*’ qualificam as figuras de Castelo Branco e Costa e Silva, respectivamente. Essas qualificações ligadas diretamente às imagens desses presidentes reiteram um discurso de idealização dessas figuras, significando-as como heróis. Há aí, juntamente com a remissão direta dos atos políticos como sendo responsabilidade de tais figuras públicas, a produção de um silenciamento da Ditadura Militar, pois não se fala do regime político para se falar da pessoa e, conseqüentemente, deixa-se de falar da Ditadura. Compreendemos esse silenciamento como um funcionamento da censura do governo militar, pois apenas dizeres permitidos circulavam livremente em nossa sociedade e, por causa da censura, não era permitido falar mal do governo, e quando isto acontecia os implicados eram perseguidos.

Não vemos, porém, nos folhetos sobre Getúlio Vargas, Jânio Quadros e Lula, elogios exagerados que qualifiquem esses presidentes, assim como havia nos folhetos que retratavam os presidentes da época da Ditadura Militar. Essa é uma diferença significativa que remete ao funcionamento da censura, pelo poético, na constituição do dizer no cordel.

No conjunto dos recortes apresentados acima, há um cordel que apresenta uma especificidade em relação ao funcionamento da personificação da política. No folheto *O governo do presidente Médici e os agradecimentos dos trabalhadores do Brasil*, os atos políticos do presidente são significados como caridade, pela presença do substantivo ‘*caridade*’. Como a atitude parte de Médici, segundo os dizeres do cordel, podemos caracterizá-lo como sendo caridoso, ficando apagado o fato de que suas ações deveriam ser encaradas como ações do Estado. Essa caracterização, portanto, apaga a obrigação do governo de assistir a população, pois significa o ato como uma ação filantrópica. Além de caracterizar a atitude de Médici como *caridosa*, dizeres como ‘*o muito agradecido*’; ‘*o agradecimento*’; ‘*agradecer*’ e ‘*agradece*’, repetidos nesses versos, produzem um efeito de gratidão, que funciona também negando a obrigatoriedade do Estado em conceder os benefícios para a população. A demanda feita no final do cordel pelo cordelista ao presidente Médici para que os poetas populares tenham direito à aposentadoria é outra pista do apagamento da função do governo. O funcionamento da personificação da política, aqui, silencia, portanto, a voz do Estado ao apagar as suas obrigações e remetê-las a Médici.

Além da especificidade do funcionamento da personificação compreendida acima, observamos outras ao longo do *corpus* deste trabalho. Vejamos o recorte do folheto *A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento*.



**Trecho do cordel *A chegada de Getúlio Vargas no céu e seu julgamento***

(...)

*Os homens aqui da terra  
Perderam suas razões  
Em desprezo gritavam  
Como se fossem leões  
**Pela perda do seu Líder  
Amado pelas Nações.***

***Os operários diziam:**  
**Morreu o meu protetor**  
Um outro Getúlio Vargas  
Não nos manda o criador  
Rolavam em todas as faces  
O pranto do meu amor.*

(...)

*Estava Jesus na Corte  
Do Celeste Paraíso  
Quando o anjo São Miguel  
Deu-lhe doloroso aviso:  
\_ **Matou-se Getúlio Vargas**  
As vossas ordens preciso!*

*Eu não mandei-te Miguel  
Livrá-lo da tirania  
Do Deputado Lacerda  
De Gregório e companhia  
Por que o deixaste sozinho  
Sofrendo tanta agonia?*

*\_ Senhor eu mandei os vossos  
mais sublimes mensageiros  
porém o ódio crescia  
pelos falsos brasileiros  
para intrigarem Getúlio  
Com os planos traiçoeiros!*

(...)

*\_ Por que roubaste a vida  
que o criador te deu?  
Perguntou-lhe São Miguel  
**Getúlio aí respondeu:**  
\_ **Matei-me pelo meu povo  
que um dia me elegeu!***

(...)

*Estava Jesus no trono  
Já pronto para julgá-lo  
São Libório, o Promotor,  
Começou a acusá-lo  
Enquanto a Virgem Santíssima  
Chegou para advogá-lo.*

*Disse Libório: \_ Senhor  
Getúlio **zombou** demais  
No tempo da Ditadura  
**Encarcerou** generais  
**Prendeu gente e matou gente**  
Como se fossem animais.*

*Nossa Senhora sorriu  
E disse: \_ Não acredito  
**Quem governa leva a fama**  
**De tudo que é maldito**  
**O que fizeram em seu nome**  
**Jamais foi por ele escrito!***

*Libório continuou:  
\_ Se Lacerda o condenava  
Tinha razão para isso  
**Pois o Catete estava**  
**Cercado de Pistoleiros**  
**Que Getúlio contratava.***

*Defendeu Nossa Senhora  
Dizendo: \_ Nunca Libório  
Getúlio se confiava  
Isto já está notório  
De toda dia tragédia  
O culpado foi Gregório!*

*\_ Mesmo assim, por que Getúlio  
De uma vez que não devia  
Não aguardou o julgamento  
Que a Oposição queria?  
Seu suicídio provou  
Que ele culpado sentia.*

*\_ Não acuse desta forma  
Libório que não convém  
**Getúlio Vargas sofreu**  
**Como meu filho também**  
Para salvar os humildes  
Sem ter ódio de ninguém.*

*Nisto Jesus ordenou  
Que Getúlio demonstrasse  
As razões do suicídio  
Se de fato não provasse  
Seria expulso do Céu  
Antes que o dia findasse.*

*Disse Getúlio: \_ Senhor  
Eu não sei vos descrever  
A vergonha que sofri  
Sem coisa alguma dever  
Vós que desceste a Terra  
Devereis melhor saber.*

*\_ Não sabes que ninguém pode  
sua própria vida tirar?  
Não viste como sofri  
Todo martírio sem par  
Mas não roubei minha vida?  
Tu devias me imitar!*

*\_ Eu reconheço Senhor  
Do erro que cometi  
**Mas há maldade humana**  
**Como essa nunca vi**  
**Indo até o sacrifício**  
**Pelo meu povo morri.***

*\_ Eu te perdôo Getúlio  
porque foste generoso  
lembraste dos pequeninos  
com teu modo caridoso  
mas voltarás ao Brasil  
por Ordem do Poderoso.*

***Se não fosse o suicídio**  
**Isto não acontecia**  
Hoje o povo brasileiro  
Sofre a maior agonia  
E só tu podes livrá-lo  
Com melhor sabedoria.*

*Assim Getúlio foi salvo  
Do seu gesto delirante  
E breve virá a Terra  
Como um chefe triunfante  
Para ajudar o poeta  
RODOLFO C. CAVALCANTE.*

Este folheto apresenta o julgamento de Getúlio Vargas. Nele, há duas vozes que falam sobre o ex-presidente: uma que o critica, talvez pelo seu ato de suicídio (*'Não sabes que ninguém pode/ sua própria vida tirar'*), atitude não aceita pelas instituições religiosas, principalmente a católica<sup>39</sup>, e outra que o defende. No recorte, tal figura política, primeiramente, ocupa a função sintática de sujeito de *'zombou'*, *'encarcerou generais'*, *'prende'* e *'matou muita gente'*. Atribuir a alguém esses atos não produz um efeito positivo em relação à constituição de sua imagem, o que permite compreender uma crítica voltada para a pessoa de Getúlio Vargas e não para o seu governo, configurando, assim, a personificação da política, já compreendida nas análises anteriores. No entanto, diferentemente dos folhetos que trazem as imagens dos presidentes da época da Ditadura Militar, este é aberto à crítica por meio da qual é possível questionar a figura pública em questão.

A encenação de um julgamento permite que duas vozes sejam apresentadas no folheto: a da promotoria – o discurso de crítica – e a da defesa. Quando aparece a voz da defesa, compreendemos por meio da estrutura sintática sujeito/predicado dizeres que produzem um efeito positivo. Getúlio é sujeito de *'sofreu'*, *'foste generoso'*, *'lembrastes dos pequeninos'*. Esses verbos, relacionados à figura de Getúlio Vargas, significa-o de maneira positiva, amenizando os sentidos negativos que foram apresentados sobre esse presidente. Há aí a presença de dois discursos que circulavam e ainda circulam sobre a figura de Getúlio na mídia, e o cordel os reitera em seus versos, mostrando a existência da polêmica em relação ao ex-presidente e não ao seu governo. Desse modo, a personificação funciona no apagamento de uma polêmica referente ao governo.

A personificação da política não é compreendida apenas em cordéis cujas narrativas falam, na sua maioria, sobre dizeres positivos em relação às figuras dos presidentes. Ela também é compreendida em folhetos que exploram a corrupção na política, como no cordel *A CPI do P.C. e o Impeachment do Presidente Collor*, que conta toda a trajetória do impeachment de Fernando Collor de Mello<sup>40</sup>, a revolta popular contra este ex-presidente e a perda do seu apoio popular. Observemos os trechos abaixo:

(...)

*O Brasil todo viveu  
Grande movimentação  
Na CPI do PC*

---

<sup>39</sup> O catolicismo é a religião predominante dos brasileiros.

<sup>40</sup> Fernando Collor de Mello foi presidente do Brasil de 1990 a 1992. Durante o seu mandato houve várias denúncias de corrupção, que culminou no seu impeachment.

*Que fazia apuração  
Envolvendo o Presidente  
Em atos de corrupção.*

*O senhor Pedro Collor  
Tal fato denunciou  
E dizendo assim: \_ Meu irmão  
Um forte esquema montou  
E o dinheiro da nação  
Este safado roubou.*

*\_Junto com PC Farias  
que sendo testa de ferro  
aplica pesados golpes  
e o bom povo só no berro  
Collor diz: \_ Deixe que eu mato  
E o PC diz: \_Eu enterro.*

(...)

*Porém nesta conversa  
Eu mesmo não acreditei  
Num CORDEL que escrevi  
A todo mundo alertei  
Numa linguagem bem simples  
Foi mesmo assim que eu falei:*

*“Cuidado com este homem  
verifiquei seu passado  
não vá em sua conversa  
não seja mais enganado  
esse tal Collor de Mello  
é candidato safado”.*

*Porém a mídia foi forte  
E o tal Collor foi eleito  
Mas começou enganando  
Mostrando não ter conceito  
Confiscou nosso dinheiro  
Abusando do direito.*

(...)

Collor, ex-presidente do Brasil, é sujeito de predicados como ‘*um forte esquema montou*’; ‘*e o dinheiro da nação/ este safado roubou*’; ‘*aplica pesados golpes*’. Levando em conta os folhetos analisados anteriormente, podemos fazer um contraponto relevante em relação à estrutura sujeito/predicado que nos dá visibilidade à personificação da política, pois Collor é relacionado a atos de corrupção, o que permite compreender uma

crítica, reafirmada por adjetivos como *safado* que qualificam Collor e funcionam na produção do efeito de deboche em relação à figura do ex-presidente.

O caso Collor teve grande repercussão na mídia, principalmente devido aos escândalos de corrupção. Os problemas desse governo foram expostos para a sociedade, e eles sempre eram atribuídos a Collor. Atribuição esta que funciona do mesmo modo nos folhetos sobre os presidentes da Ditadura Militar, sobre Getúlio Vargas, sobre Jânio Quadros e sobre Lula: personifica a política, apagando, assim, o político no social, apesar da presença da crítica que há nesse folheto. Crítica a Collor e não ao governo.

Relacionar o presidente a atos de corrupção e a roubo, além de nomeá-lo como safado, remete a dizeres que circulavam na mídia sobre o caso Collor, e que trabalham na formulação do estereótipo do político brasileiro, veiculado nos cordéis: ladrão, indivíduo da pior espécie.

A estereotipia é configurada em outros folhetos cujo tema é a corrupção. Retomamos aqui o folheto *O dia em que P.C. Farias infernizou o inferno* e, além deste, analisamos também os cordéis *A palavra mensalão*, *ABC dos tubarões*. Observemos, para análise, os seguintes trechos:

#### **Trechos do cordel *O dia em que PC Farias infernizou o inferno***

(...)

*E o Cão disse: “Tá certo!  
Levem embora esse sujeito  
Mas mandem de volta a Terra”  
Ele aqui, eu não aceito  
Só vindo lá de Brasília  
Pra ser ladrão desse jeito”.*

(...)

#### **Trechos do cordel *A palavra mensalão***

(...)

*Pegaram o termo mensal  
Juntaram ao “ão” de ladrão  
E foi aí que nasceu  
A palavra **mensalão**  
e chegou para ficar  
**hoje, onde ele está**  
**indica corrupção.***

*Mas na época que surgiu  
Junho de 2005  
E ninguém no mundo ainda  
A conhecia com afinco  
A não ser **alguns políticos**  
**De caráter tão raquíticos**  
**Que o coração é de zinco.***

***Mensalão** tem oito letras  
Tem “M” de **malfeitores**  
E a segunda letra é “E”  
Da palavra enganadores  
Tem o “N” de **nojentos**  
“S” de **sanguinolentos**  
Feito bichos predadores*

*Imaginem que o resto  
Só pode ser de **ladrão**  
Que começa com o “L”  
E é terminado com o “ão”  
**Larápio** também tem “L”  
E o “ão” também está na pele  
Da palavra **canastrão.***

*foi difícil descobrir  
de onde vem o dinheiro  
hoje temos a certeza  
vem daqui e do estrangeiro  
circula em mala e cueca  
tem até um “Marcos Careca”  
sorrindo do brasileiro.*

*Também ficamos sabendo  
Que além de cueca e mala  
Vem em caixa e whisky  
É isso que o povo fala  
É o nosso bem suado  
Que na mão de deputado  
Vai virar traje de gala.*

*Foi grande a indignação  
Do Oiapoque ao Xuí  
**Nossa nação brasileira**  
**Acostumada a ouvir**  
**Tudo sobre corrupção**  
**E agora a população**  
**Deixou o queixo cair.***

*Um garotinho esperto  
Assiste à televisão  
Depois do noticiário  
Pergunta de sopetão  
A seu pai que está do lado  
Assim, meio aperreado  
Com um monte de prestação.*

*“Pai...**O que é mensalão?**”  
Pergunta assim bem ligeiro  
E o pai vai lhe responde:  
“**É o racha do dinheiro**”  
**Que nós manda pra Brasília**  
**Depois que pega uma trilha**  
**Vai parar no estrangeiro...***

(...)

*... Por isso que o neologismo  
Chamado de **mensalão**  
Digamos que é **sinônimo**  
**De mesada de ladrão**  
**É cachorrada, canalhice**  
**É a filha da putice**  
Que mancha a nossa nação...*

(...)

#### **Trecho do cordel ABC dos Tubarões**

(...)

*Comparo nosso Brasil  
Com um verdadeiro mar  
E a pobreza à sardinha  
Que vive sempre a nadar,  
Sem ter alimentações  
**E os grandes Tubarões**  
**Querendo nos devorar.***

(...)

*Fiquemos todos atentos  
Prestando toda a atenção  
Pra escolher um candidato  
Agora nessa eleição,  
Pra dar um voto seguro  
**Pra não votar no escuro**  
**Pra qualquer Tubarão.***



(...)

*Pra ser eleito a governo  
Ou pra Chefe da Nação,  
Todo mundo nos adula,  
Nos aperta a nossa mão  
**Quando chega no Catete,  
Quer nos meter no cacete,  
Vira o pior Tubarão.***

(...)

A relação estabelecida no primeiro cordel entre P.C. Farias, ladrão e Brasília – lugar em que está grande parte dos políticos – conforme já analisamos no início deste capítulo, permite observar que ladrão e político são compreendidos de uma mesma maneira não só porque dizem respeito a uma mesma pessoa, mas também porque, como já mostraram nossas análises, definir político como ladrão é um discurso já estabilizado na sociedade. Podemos dizer, assim, que a estereotipia é formulada aí por meio das características e dos atos de um sujeito específico, como é o caso de P.C. Farias e Collor, mas além desse específico, há o funcionamento da memória discursiva que relaciona todos os políticos como corruptos e ladrões, generalizando.

Nos cordéis *A palavra mensalão* e *ABC dos Tubarões*, não temos a remissão a políticos específicos, porém o estereótipo é formulado, no primeiro folheto, por meio da explicação da palavra *mensalão*. Tal palavra, segundo os dizeres do cordel, é formada por dois termos: *mensal* + *ão*, sendo o ‘*ão*’ parte da palavra ladrão, que remete à significação do político como ladrão, reafirmando, assim, o estereótipo de político, reforçado, neste folheto, por enunciados como *nojento*, *sanguinolento*, *canastrão*, *cachorrada*, *canalhice*, *filha da putice*.

Já no segundo cordel, o estereótipo do político é formulado pela relação entre político e tubarão que tem a mesma relação de sentido que há entre político e ladrão. Podemos considerar tubarão como paráfrase de ladrão:

Político = Ladrão

Político = Tubarão.

Os sentidos dessas duas palavras, na formação discursiva em que elas se inscrevem, se produzem proximamente como usurpador e poderoso.

Compreendemos, assim, que o modo como a política é apresentada por meio da estereotipia é uma forma de chamar atenção para a figura do político. O estereótipo do

político no cordel é formulado através de um discurso de deboche produzido pelas relações entre político e ladrão, político e tubarão, político e safado, político e canalha, que escancaram a crítica aos nossos políticos, o que não observamos nos cordéis sobre os presidentes da Ditadura Militar, sobre Lula ou Jânio Quadros.

O deboche, o estereótipo, apesar de produzirem um discurso de crítica às figuras políticas por retomar uma memória sobre a política do Brasil, não deixam de ser, porém, um modo de apagamento do político no social, pelo fato de se centrarem apenas na pessoa e não no processo político, ou seja, personificam a política, o que corrobora com a nossa compreensão de que o cordel é um espaço de visibilidade de dizeres possíveis de circularem na sociedade, lugar em que há o apagamento de uma voz contrária, no caso, uma voz de crítica ao governo.

### **3.3 A figura do porta-voz na Literatura de Cordel**

No início desta pesquisa, apresentamos o modo pelo qual os estudos da teoria literária e o público de cordel conceituam os autores de folhetos: como o porta-voz do povo, a voz dos oprimidos (MAYER (1980), SOUZA (2007)). Essa denominação já é estanque e, além disso, considerar o poeta de cordel como o porta-voz do povo se torna senso comum. Tal naturalização nos instigou a perguntar sobre o funcionamento dessa figura na discursividade do cordel.

Retomando o que já foi dito no capítulo dois, a figura do porta-voz é caracterizada na Análise de Discurso pela subversão à ordem, pela representação dos interesses daqueles por quem o porta-voz fala, por reivindicar em nome dos seus e por romper o círculo da repetição (PÊCHEUX, 1990). Em contrapartida, pudemos ver, por meio de nossas pesquisas sobre Literatura de Cordel, que a Teoria Literária, em relação aos folhetos nordestinos, considera o porta-voz como a voz que representa o interesse ou transmite a opinião do povo.

No início deste trabalho, realizamos a leitura de inúmeros folhetos para a constituição do *corpus*. Durante esse percurso, deparamo-nos com diversas marcas que, inicialmente, nos levaram a considerar o poeta como o porta-voz do povo. Veremos, no entanto, ao analisar estas marcas, que um outro funcionamento se produz. Nos recortes abaixo observaremos esse movimento:

**Trecho do cordel *A natureza e o homem***

(...)

***Precisamos** com clareza  
e visão objetiva  
a favor da Natureza  
preservando-lhe a riqueza  
livre da poluição  
Coibir a devastação  
Cultivar a fauna e flora  
Mostrar que o problema agora  
Pertence a **nossa nação**”*

(...)

**Trecho do cordel *Meninos de Rua e a chacina da Candelária***

(...)

*Ao permitir um governo  
Paralelo no Estado  
O **nosso** governador  
Ficou desmoralizado  
Perdendo de dez a zero  
Para o crime organizado.*

(...)

*Hoje **vivemos** o momento  
Nunca visto no passado:  
O errado virou certo,  
O certo virou errado  
E o Brasil em um mar de lama  
Infelizmente jogado.*

(...)

**Trecho do cordel *O valor da reforma agrária e a missão da terra***

(...)

*Senhores vou escrever  
Uma **coisa necessária**  
Que até aqui tem sido  
**Coisa extraordinária**  
O povo todo analisa  
Que **nosso Brasil precisa**  
De uma reforma agrária*

(...)

*Exmo, senhor  
Da república presidente  
De nome Fernando Henrique  
Ficamos muito contente  
Do senhor ter sido eleito  
Por vosso brio e respeito  
Não se esqueça da gente.*

*Esperamos que a reforma  
Agrária vai começar  
Porque ela está de rosca  
Vai ela desenroscar  
Sem ter sangue e sem ter guerra  
Os nossos irmãos sem terra  
Vão ter onde trabalhar*

(...)

**Trecho do cordel *Lula, de metalúrgico a presidente: o operário que virou presidente***

(...)

*O Brasil está passando  
Por uma grande mudança  
Derrotou a burguesia  
Que tirou nossa bonança  
O **povo** perdeu o medo  
Votou com mais confiança.*

*Graças a Deus, o **povão**  
Despertou para um novo dia  
Usando a força do voto  
Com sua soberania  
No processo democrático  
Derrota a aristocracia.*

(...)

*Agora é a vez do **povo**  
Dar o seu grito de guerra  
Com lula na presidência  
O **povo** serrou o Serra  
Foi uma questão de honra  
Em respeito a nossa terra.*

(...)

Nos dois primeiros folhetos apresentados acima há a presença de um ‘*nós*’ marcado nos verbos como ‘*precisamos*’, ‘*vivemos*’ e no pronome possessivo ‘*nosso*’ – ‘*nosso governador*’, ‘*nossa nação*’. Embora, em um primeiro momento essas marcas foram consideradas como um indício de que o cordelista é o porta-voz do povo, isso não se sustentou frente às nossas análises, que nos permitiram compreender o folheto como um lugar de reiteração de uma voz dominante, e também que a sociedade é dividida entre diferentes vozes e diversas opiniões, que se manifestam na relação com a mídia, com o Estado, com a Igreja e com a Família, o que nos fez perguntar: Quem é esse nós que é falado nos folhetos e representado pelo cordelista? Diremos que é um ‘*nós*’ configurado pelo senso comum acerca das opiniões sobre a preservação da natureza, sobre a violência urbana, por exemplo, que naturaliza os dizeres do cordel como sendo do povo.

Assim como perguntamos quem é esse *nós* que circula nos cordéis, também perguntamos quem é o *povo* presente nos dois últimos folhetos apresentados acima. A palavra ‘*povo*’ ocupa a função sintática de sujeito de ação dos verbos ‘*analisa*’ e ‘*precisa*’, e de predicados como ‘*perdeu o medo*’, ‘*despertou para um novo dia*’, ‘*dar o seu grito de guerra*’, ‘*serrou o Serra*’, o que também produz um efeito que pode ser interpretado como o poeta que fala em nome do povo. Mas quem é esse povo? Quem é o povo que espera a reforma agrária? Quem é o povo que perdeu o medo de votar, que deu seu grito de guerra e que *serrou o Serra*? Será que é todo o povo? Não podemos afirmar que a voz desses folhetos seja a do povo, pois ela se configura como a voz de alguns. A palavra povo, assim como os verbos e os pronomes na primeira pessoa do plural, produz o efeito de que o cordelista é o porta-voz de todo o povo, por significar este, em seus versos, como sendo uno, homogêneo. Lembramos aqui a afirmação de Pêcheux da equivocidade da língua, que faz da palavra *povo*, por exemplo, um conjunto imaginariamente unificado, mas constitutivamente diferente.

Além dos verbos e pronomes na primeira pessoa do plural e da palavra povo, a presença de discursos considerados como clichês também funcionam na naturalização da voz do povo como sendo homogênea, o que denominaremos “efeito de porta-voz”. Dizer que o nordestino vem para o sudeste em busca de trabalho e de melhores condições de vida, que o preconceito, o racismo é uma mancha na humanidade, que as drogas prejudicam o indivíduo e o levam para a criminalidade, que na época da Ditadura havia a tortura é repetir o que a voz da sociedade dominante diz sobre esses assuntos e não o que é dito pelo público do cordel. Desse modo, não é porque o cordel tem origem popular que os seus dizeres serão representativos dos dizeres do povo.

A estereotipia também funciona na naturalização da voz do povo no cordel, na produção do efeito de porta-voz. Os estereótipos são uma representação imaginária já estabilizada na sociedade de um grupo, porém não é o ‘povo’ que configura esses estereótipos, como pudemos compreender nas análises dos folhetos sobre a corrupção na política. O cordel, na verdade, reitera os estereótipos formulados pelo que é apresentado pela mídia sobre a política, como os casos de corrupção, o mensalão, por exemplo. Nesse sentido, não é o povo quem conceitua o político como corrupto, como ladrão, mas esta conceituação já está cristalizada na sociedade, o que produz um efeito que naturaliza a voz do povo na formulação do estereótipo.

A palavra povo, o *nós*, os discursos clichês e a estereotipia, portanto, não são marcas da voz do povo sendo representadas nos discursos dos cordéis, mas sim marcas que naturalizam o sentido de povo como sendo uma unidade, produzindo, como vimos, o efeito de porta-voz. Por meio de nossas análises sobre o social, pudemos compreender que o cordel não fala em nome ou do lugar do povo, mas sim que reitera, para seu público, discursos que circulam por vozes da sociedade dominante, atravessadas pelos dizeres da mídia e de Instituições do Estado, que legitimam certos valores sociais. Desse modo, o que não há nos cordéis que constituem o *corpus* deste trabalho é a voz do povo.

Com esta conclusão, podemos, então, considerar o poeta de cordel como sendo o porta-voz de vozes da sociedade dominantes? Se levarmos em conta o conceito de porta-voz como sendo aquele que representa os interesses e/ou as opiniões de algum grupo, é possível pensar que o cordelista representa para os seus interlocutores os discursos e as relações já estabilizadas pela sociedade dominante. Se voltarmos para a definição discursiva de porta-voz, compreendemos que o poeta não ocupa essa posição pelo fato de que ele, ao invés de romper o círculo da repetição de um poder, o reitera, não se configurando, desse modo, como uma figura revolucionária. Ou seja, o poeta de cordel não pode ser conceituado, segundo a teoria discursiva, como porta-voz, pois no cordel essa relação se dá como um efeito.

## CONCLUSÃO

O percurso analítico desta pesquisa teve início com a análise da estrutura poética do cordel para compreendermos o funcionamento de tal estrutura na circulação dos sentidos dos discursos dos folhetos. Mostramos, por meio das análises, o papel fundamental da rima como um determinante das possibilidades de associações já estabilizadas na memória discursiva, e o da métrica que determina um espaço conciso. Dessa forma, compreendemos que a rima e a métrica organizam o modo como os dizeres são apresentados nos folhetos. Modo este que faz com que esses dizeres circulem em um discurso cantado, o que produz um efeito lúdico, e em uma narrativa rápida que produz o efeito de precisão, efeitos estes que naturalizam a interpretação por parte dos interlocutores. Ou seja, os recortes do social no cordel são apresentados pelo poético que os aproxima da ludicidade, possibilitada pelo deslizamento da poesia da língua.

Outro aspecto que também nos chamou a atenção neste trabalho foi o entrecruzamento dos temas sociais explorados pelo cordel com o que é veiculado pela mídia. Nesse entrecruzamento de temáticas, compreendemos a mídia como um meio que fornece possibilidades de temas e de discussões para os cordelistas e, nessa relação, foi possível observar o funcionamento da repetição no cordel. Mas o que ele repete? As análises mostraram que não são apenas os assuntos da mídia, mas sim uma voz social atravessada pelos dizeres da mídia que os configuram como sendo parte do senso comum, pelo fato de o cordel reiterar discursos clichês, estereótipo e relações já estabilizadas na sociedade, como a relação entre corrupção e política, drogas e criminalidade, migração nordestina e trabalho, entre outras apresentadas nesta dissertação.

Além dessa voz social atravessada pela voz da mídia, compreendemos também que o cordel reitera outras vozes ao repetir os dizeres já estabilizados. Isso foi possível por meio da análise de três folhetos que apresentam questões permeadas por polêmicas: o divórcio, o uso de métodos anticoncepcionais e a reforma agrária que deram visibilidade a outras vozes além da voz da mídia, como a da Igreja e a da Família entrecruzando os dizeres dos cordéis sobre o divórcio e sobre os métodos anticoncepcionais, e a do Estado, no folheto da reforma agrária, ao considerar o povo como uma unidade.

Esse percurso analítico dos cordéis foi relevante no sentido de nos mostrar que o folheto é um espaço de reiteração de uma voz que legitima dizeres já cristalizados. Podemos afirmar isso, pois o cordel reitera os valores, as relações que essa voz determina,

voz esta que consideramos como a voz da sociedade dominante. Ao reiterar uma voz, o cordel cala outras, o que apaga conflitos, tensões e silenciando, assim, o social.

Compreender essa voz que é reiterada no cordel foi fundamental para o trabalho analítico sobre o funcionamento do porta-voz nos folhetos nordestinos. Por meio da análise de marcas que remetem à voz do povo, mostramos que essas marcas produzem um efeito de que os dizeres reiterados no cordel são dizeres do povo, pelo fato de repetir relações já estabilizadas. Porém, através de uma análise mais cuidadosa e entrecruzando com as considerações sobre a voz que sobredetermina os dizeres do social nos cordéis, compreendemos que o que acontece no cordel, na verdade, é uma naturalização da voz do povo, pelo efeito de unidade. Nessa naturalização da voz do povo, produz-se o efeito de que o poeta é o porta-voz do povo.

Nosso percurso analítico nos mostrou que não é apenas o social que é silenciado nos folhetos. Analisando os cordéis cuja temática é política, mostramos, por meio da estruturação sintática sujeito (presidente) e predicado (atos do presidente), dos elogios e da estereotipia a formulação da personificação da política. Esta funciona no apagamento do político, das críticas e polêmicas referentes ao Estado, das relações políticas e no silenciamento da voz do governo, ao relacionar os atos às figuras dos presidentes. As análises permitiram também compreender que esse modo de falar de política é uma repetição dos dizeres do discurso presidencialista no Brasil que relaciona as obrigações do Estado, os assuntos políticos à pessoa do presidente. Podemos dizer, inclusive, que esse funcionamento da personificação teve um papel importante nas eleições presidencialista do Brasil no ano de 2010.

Com as análises sobre os folhetos políticos, pudemos ver a configuração de uma polarização nos cordéis. Quando se fala bem dos presidentes, como é o caso dos presidentes da época da Ditadura Militar e dos presidentes populistas como Getúlio Vargas e Lula<sup>41</sup>, há elogios e atos que qualificam a figura dos presidentes retratados nos folhetos. Quando é permitida a crítica, como no caso dos folhetos que exploram a corrupção na política, há o escracho por meio da configuração dos estereótipos, que significam o político por meio do deboche. Nesse sentido, há a radicalização na maneira de praticar a política na materialidade poética do cordel, radicalização esta não visível nos folhetos cujas temáticas trazem questões de tensões sociais, representadas por problemáticas que não são banalizadas socialmente, como a violência urbana, o uso das drogas, a migração nordestina, o divórcio, entre outros.

---

<sup>41</sup> Lula é um presidente de origem nordestina, e ovacionado por grande parte da população do nordeste até hoje.



Em relação ao estereótipo, compreendemos, desde o nosso trabalho de iniciação científica, que os seus sentidos são sustentados por pré-construídos e, ao mesmo tempo, ele funciona reafirmando esses pré-construídos. O que pudemos compreender de novo é que a estereotipia, nos cordéis, é formulada na repetição dos dizeres já cristalizados, sendo que esses dizeres estereotipados precisam se moldar à estrutura poética do cordel, que organiza os estereótipos em um discurso preciso, que pelo efeito de precisão não permite, dentro de tal espaço, a presença de várias vozes sociais.

O cordel, assim, se configura como um espaço em que se busca manter uma ordem, pelo fato de reiterar a voz social da sociedade dominante que legitima valores, valores estabelecidos por discursos atravessados pela mídia, pelo Estado, pela Igreja e pela família. E na reiteração, a voz dominante se configura como a voz do povo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Editora Mercado das Letras, 1999.
- ALMEIDA, A. & SOBRINHO, J.A. **Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.
- ALMEIDA, E. “Poesia: a arte da língua”. In: **Linguagem e História: múltiplos territórios teóricos**. Campinas: RG Editora, 2009.
- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- CARVALHO, Gilmar de. Cordão, cordel, coração, **Revista Cult**, n.º 54, ano V.
- COSTA, G.B. **As margens na literatura: uma análise discursiva de versos marginais**. Dissertação (mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2009.
- CURRAN, M. J. “A Literatura de Cordel: Antes e Agora”. In: **Hispania**, Vol. 74, no. 3, Special Issue Devoted to Luso-Brazilian Language, Literature and Culture, pp. 570-576, 1991.
- DUARTE, Manuel Florentino et all. **Literatura de Cordel, antologia**. Volume I. São Paulo: Editora Global, s.d.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.
- GALVÃO, A. M. de O. **Ler/Ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)**. Tese da faculdade de Educação. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- GADET& PÊCHEUX. **A língua inatingível** (trad) Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Ed. Pontes, 2004.
- HATA, L. **O cordel das feiras às galerias**. Dissertação (mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1999.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.
- KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. (Coleção Outras Histórias, v. 6).
- LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. Campinas: Editora Pontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. “A prática do confronto com a materialidade discursiva: um desafio”. In: Guimarães, E. & Brum de Paula, M. R. (Orgs). **Sentido e Memória**. São Paulo: Ed. Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Texto e Autoria”. In: Orlandi & Lagazzi-Rodrigues (Orgs). **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade**. Campinas: Ed. Pontes, 2006.
- LONDRES, Maria José Fialo. **Cordel: do encantamento às histórias de luta**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1983.

- MAINGUENEAU, D. **Gêneses do discours**. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1984.
- MARIANI, B. S. C. “Silêncio e metáfora, algo para se pensar”. **Revista Trama** (Cascável), v. 03, p. 55-71, 2007.
- MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Editora Codrecri, 1980.
- MESCHONNIC, H. **Critique du Rythme: anthropologie historique du langage**. Paris : Ed. Verdier, 1982.
- MEYER, M. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- OLIVEIRA, M. F. **A representação da mulher na literatura de cordel**. Dissertação de mestrado. Rio Grande do Sul: PUC, 1981.
- OLIVEIRA, Maria José de. Benditos sejam: uma nova maneira de perceber a Literatura de Cordel. In INTERCOM-XXVI Congresso Brasileiro de ciência da Comunicação, BH-MG, 2003.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Editora Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. Campinas: Ed. Unicamp. São Paulo: Editora. Cortez, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e texto, formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Editora Pontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Análise de discurso, princípios e procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento linguístico**. Campinas: Editora Pontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Editora Pontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Cidade atravessada**. Campinas: Editora Pontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: II SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005a. CD-ROM.
- \_\_\_\_\_. “Análise de Discurso”. In: Orlandi & Lagazzi-Rodrigues (Orgs). **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade**. Campinas: Editora Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora Unicamp, 1975.
- \_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Editora Pontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (19), Campinas, 1990.
- \_\_\_\_\_. “Análise automática do discurso”. In: Gadet & Hak (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 1997.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua**. Campinas: Editora Mercado das Letras, 2002.
- QUEIROZ, D. A. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**. Dissertação (mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- SOUZA, M.M. **O grito do oprimido no cordel: uma escola de resistência à Ditadura Militar**. Tese de Doutorado, João Pessoa: UFPB, 2007.

ZOPPI-FONTANA, M. G. **Cidadãos modernos**: discurso e representação política. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. “Arquivo Jurídico e exterioridade. A construção do corpus discursivo e sua descrição e interpretação”. In: Guimarães, E. & Brum de Paula, M. R. (Orgs). **Sentido e Memória**. Campinas: Ed. Pontes, 2005.

**Sites consultados:**

[www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/lista\\_poeta.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/lista_poeta.html). Consultado em 22/05/2009.

<http://www.flogao.com.br/arievdocordel/foto/101/92626509>. Consultado em 24/05/2009.

[www.academiabrasileiradeliteraturadecordel.com.br](http://www.academiabrasileiradeliteraturadecordel.com.br)

[www.facasper.com.br/cultura/site/critica](http://www.facasper.com.br/cultura/site/critica). Consultado em 03/03/2008.